

CETICISMO SEM TEORIA

MICHAEL WILLIAMS

(John Hopkins University) *E-mail*: mwilliams@jhu.edu

Tradução: Beatriz Viana de Araujo Zanfra

(Unifesp) *E-mail*: beatriz.zanfra@gmail.com.

I

O ceticismo pirrônico, tal como apresentado nos escritos de Sexto Empírico, difere de várias maneiras das formas de ceticismo que continuaram sendo a preocupação central dos filósofos modernos. Duas diferenças destacam-se imediatamente. Uma delas é a orientação prática do pirronismo. Para Sexto, o ceticismo é uma forma de vida na qual a suspensão do juízo (*epokhé*) conduz à paz de espírito (*ataraxia*), que o cético identifica com a felicidade. A outra é a intrigante falha por parte dos pirrônicos, juntamente com todos os outros cétricos antigos, em formular o problema cético que muitos filósofos modernos e contemporâneos consideram como fundamental e paradigmático: o problema do conhecimento do mundo exterior¹.

Por si só, a orientação prática do ceticismo pirrônico não precisa implicar nenhuma diferença profunda entre o ceticismo antigo e o ceticismo moderno. Ela pode elevar-se a não mais do que uma diferença de ênfase: os antigos veem valor na tentativa de pôr o ceticismo em prática, enquanto nossos interesses são mais teóricos. Nós estudamos o ceticismo na esperança, não de encontrar uma maneira melhor de viver, mas de obter compreensão sobre a natureza do conhecimento.

A incapacidade de representar de um modo geral o problema do nosso conhecimento do mundo exterior pode também não ser tão significativa, por isso pode ser muito bem explicada pela diferença de ênfase observada. Como Myles Burnyeat argumentou, “mesmo o mais extremo ceticismo antigo não questionou seriamente sobre se alguém pode caminhar ao redor do mundo [...] porque era de fato inteiramente sério sobre como transportar o ceticismo para os assuntos práticos da vida”². Isso é plausível: uma forma de ceticismo oferecida como

Este artigo foi originalmente publicado em *Review of Metaphysics*, 61, 1988, p. 547-588.

¹ Livro recente de Barry Stroud, *The Significance of Philosophical Scepticism* (Oxford: Oxford University Press, 1984), tem como foco exclusivamente esse problema. Para Stroud, o problema da possibilidade do conhecimento do mundo é o problema do ceticismo.

² Myles Burnyeat, “Idealism and Greek Philosophy: What Descartes Saw and Berkeley Missed” *Philosophical Review* (1982): 40. Citado abaixo como “*Idealism*”.

uma abordagem para lidar com o mundo dificilmente pode questionar sobre se nós estamos mesmo autorizados a acreditar que há um mundo. Podemos até sugerir uma relação geral inversa entre a viabilidade e o alcance. Uma forma viável de ceticismo deve restringir o alcance às suas questões; enquanto uma versão mais teoricamente orientada pode permitir-se ir além. Num contexto como aquele do “projeto da pura investigação” de Descartes, no qual todas as considerações práticas são recusadas e o único objetivo é conhecer a verdade, dúvidas podem ser levadas ao limite e a própria existência do mundo é posta em questão³.

Por mais convincente que pareça, essa visão da relação entre o ceticismo antigo e o ceticismo moderno é bastante errônea, pois se baseia em pelo menos três suposições falsas.

A primeira é a de que qualquer forma de ceticismo pode ser proveitosamente analisada em dois componentes: um componente teórico, dando as razões céticas para duvidar da possibilidade do conhecimento, e um (possivelmente residual) componente prático ou prescritivo, recomendando a suspensão da crença ou do juízo. Nas palavras de Gisela Striker,

[o ceticismo] pode ser caracterizado por dois aspectos: uma tese, a saber, de que nada pode ser conhecido, e uma recomendação, a saber, de que se deve suspender o juízo acerca de todos os assuntos⁴.

Esse preconceito faz com que uma compreensão adequada do ceticismo pirrônico seja quase impossível.

A segunda suposição é a de que o componente teórico deve ser fundamental. Mesmo se as intenções do cético forem essencialmente práticas e mesmo se suas intenções práticas tenderem a limitar o âmbito de suas dúvidas teóricas, sua teoria ainda deve fornecer as bases para sua prática. Se um cético recomenda ou pratica a suspensão do juízo, isso pode ser apenas porque ele chegou a ter dúvidas sobre a possibilidade do conhecimento, da justificação ou da escolha racional entre afirmações conflitantes. A teoria vem primeiro, seguida pela prática⁵.

³ Ver Bernard Williams, *Descartes: the Project of Pure Inquiry* (Harmondsworth: Pelican, 1978), capítulo 2.

⁴ Gisela Striker, “Sceptical Strategies”, em M. Schofield, M. Burnyeat e J. Barnes (orgs.), *Doubt and Dogmatism: Studies in Hellenistic Epistemology* (Oxford: Oxford University Press, 1980), 54. Penso que um preconceito similar pode ser detectado no *Greek Scepticism* de Charlotte Stough (Berkeley: University of California Press, 1969) e no importante artigo de Myles Burnyeat “Can the Sceptic Live his Scepticism?” em *Doubt and Dogmatism*. O artigo de Burnyeat foi reimpresso em Burnyeat (org.), *The Sceptical Tradition* (Berkeley: University of California Press, 1983). Ver também Michael Frede, “The Sceptic’s Two Kinds of Assent”, em Richard Rorty, J. B. Schneewind e Quentin Skinner (orgs.), *Philosophy in History* (Cambridge: Cambridge University Press, 1984); referência subsequente a esse volume dada como “*History*”.

⁵ Claro, isso não é dizer que tornar-se convencido do ceticismo teórico é motivo suficiente para promover prescrições céticas.

A terceira suposição é a de que as considerações teóricas ou epistemológicas centrais para o ceticismo pirrônico e para o ceticismo moderno ou pós-cartesiano são essencialmente as mesmas. Se o ceticismo pós-cartesiano é mais radical, isso é só porque seu componente prático é bem residual, ou então fortemente confinado a um contexto especial de investigação filosófica, em que as mesmas considerações teóricas podem ser levadas adiante. Então, a diferença é realmente uma questão de grau.

Várias características da apresentação que Sexto faz do ceticismo sugerem que não consta de sua posição que o informado por essas suposições pode estar correto. Mais evidente, talvez, é sua insistência de que o pirronismo não se confunde com o ceticismo acadêmico. O ceticismo acadêmico, como Sexto o entendia, é tipificado por uma afirmação dogmática de que o conhecimento é impossível. Por causa desse elemento de dogmatismo negativo, os acadêmicos não são realmente céticos⁶. Um cético suspende o juízo em todas as questões, incluindo a questão sobre se o conhecimento é possível. Mas isso parece impedir a prática cética pirrônica de ter qualquer base teórica na epistemologia⁷.

Essa impressão é reforçada por uma das mais notáveis características dos trabalhos de Sexto: sua notável discursividade. Nas discussões modernas sobre o ceticismo, os problemas podem ser declarados de forma compacta, certos argumentos epistemológicos muito gerais servem para pôr em questão grandes áreas do conhecimento ou mesmo o conhecimento humano em sua totalidade. Em contraste, Sexto exibe um interesse aguçado nos detalhes de todo o saber de seu tempo. Essa diferença precisa de explicação. Mas uma coisa que certamente sugere é um desejo de não basear o ceticismo em considerações exclusivamente epistemológicas.

É claro, apontar para essas características da apresentação que Sexto faz do ceticismo é levantar, e não resolver, um problema. Sexto levou adiante argumentos epistemológicos muito gerais para conclusões céticas: de fato, os vários “Modos de Suspensão” parecem um funcionamento mais ou menos sistemático por meio de tais argumentos. Então nós precisamos perguntar: se Sexto quis evitar basear a prática pirrônica no ceticismo teórico, por que discutir isso? Ou, se Sexto está no comando de problemas epistemológicos tão gerais, por

⁶ Sexto Empírico, *Outlines of Pyrrhonism*, em tradução de R. G. Bury, *Sextus Empiricus*, vol. 1 (Cambridge: Harvard University Press, 1933); citações dadas por livro e número de linha. Para o ponto sobre os acadêmicos ver livro 1. 1-4.

⁷ Frede é muito preocupado com o problema de como os céticos antigos (e ele incluiria os acadêmicos) poderiam assentir também a princípios teóricos ou prescritivos, dada a intenção confessa deles de evitar todos os compromissos dogmáticos. Entretanto, a solução de Frede é argumentar que o assentimento cético a esses princípios é somente “cético”, não dogmático. Não ocorre a ele desafiar a própria ideia de analisar o ceticismo pirrônico dentro de componentes teóricos e prescritivos. Ver *History*, 256. Eu critico a abordagem de Frede na seção V abaixo.

que tanto interesse em dificuldades internas e peculiares a áreas específicas na investigação? Certamente os argumentos gerais se sobrepõem aos específicos, e nesse caso a discursividade de Sexto parece refletir uma carência de disciplina ou uma falha de apreciar o que é essencial. Ou talvez nós devamos ver Sexto como um mero compilador e seus escritos como incorporando estratos arqueológicos, nos quais uma ingênua e não filosófica forma de ceticismo é sobreposta por uma forma mais tardia, sofisticada, baseada epistemologicamente. Em todo caso, não está claro o que a exibição de dificuldades detalhadas para determinados tipos de investigação poderia acrescentar a argumentos que parecem mostrar, de maneira geral, que o conhecimento é impossível. Eu penso, entretanto, que a discursividade de Sexto revela um grande acordo sobre seu entendimento do ceticismo.

Outra razão para pensar que há mais do que uma diferença de ênfase entre o pirronismo e o ceticismo moderno pós-cartesiano é que ao ceticismo pirrônico falta mais do que o problema do nosso conhecimento do mundo exterior. Indiscutivelmente, todos os problemas canônicos modernos – o mundo exterior, a indução, o passado, as outras mentes – também desaparecem ou são antecipados somente de maneira fragmentária e não lhes é dada atenção especial⁸. Certamente, Sexto não estruturou sua apresentação do ceticismo em torno da lista moderna de problemas.

Talvez tudo isso possa ser explicado pela orientação prática pirrônica. Mas certamente dá motivos para suspeitar que os argumentos epistemológicos de Sexto têm um foco diferente daqueles mais centrais às discussões modernas do ceticismo, que aqui ocorre mais do que uma simples falha em levar essencialmente as mesmas considerações adiante.

Essa suspeita será reforçada, creio, quando descobrirmos que a ideia de investigação filosófica “destacada” não é tão estranha a Sexto, de modo que reconhecer tal forma de pensamento pode ser parte integrante de sua perspectiva. Mas se Sexto tem conhecimento da possibilidade da “pura investigação” e mesmo assim falha ao colocar o problema do mundo exterior, essa falha não pode ser atribuída ao aspecto prático restrito do pirronismo.

Então, para resumir, contra a visão de que a diferença entre o ceticismo pirrônico e o moderno é basicamente uma diferença de ênfase, eu quero argumentar que o ceticismo

⁸ Há uma possível antecipação do problema em *PH 2*, 204-05, embora valha notar que isso ocorre no contexto de uma longa discussão sobre a utilidade da prova demonstrativa. Para breves, mas úteis observações sobre essa passagem, ver Ian Hacking, *The Emergence of Probability* (Cambridge: Cambridge University Press, 1975), cap. 19. Alguns elementos do problema das outras mentes podem talvez ser detectados no livro 1 de *Against the Logicians* em tradução de R. G. Bury, *Sextus Empiricus* 1 e 2, como em *Against the Mathematicians* 7 e 8, citações dadas por livro e número de linha. A antecipação do problema das outras mentes ocorre no livro 7, 196-97 e, como no caso da indução, o problema não é apresentado como uma questão cética interessante em seu próprio direito, mas é discutida, de passagem, em conexão com outra questão, nesse caso o problema do critério.

pirrônico destaca-se pelo fato de que ele resiste à análise em um teórico e um prático ou prescritivo componente; que essa resistência deriva do fato de o pirronismo não ter base teórica, com a prática e não a teoria sendo primária; que por causa disso as considerações epistemológicas centralmente importantes para o ceticismo pirrônico são diferentes daquelas das quais o ceticismo pós-cartesiano depende; e que elas são, em todo caso, implantadas de uma maneira bem diferente. Um resultado de tudo isso é que não há resposta simples à questão de se o ceticismo pirrônico é mais ou menos radical do que as formas mais modernas e conhecidas.

II

Uma abordagem útil da descrição do ceticismo de Sexto é vê-la como controlada pela necessidade de responder a dois tipos de objeção. Em suas diferentes maneiras, ambas sugerem que o ideal pirrônico da suspensão universal do juízo ou de uma vida sem crença é irrealizável.

A primeira é lógica: o ceticismo é auto-refutável ou autodestrutível. Por exemplo, embora o cético alegue suspender o juízo sobre tudo, ele deve certamente alegar saber que o conhecimento é impossível, ou algo do tipo, daí a base de seu ceticismo. Ora, então resta pelo menos alguma coisa em que ele deva acreditar, ainda que alegue não saber disso. De todo modo, a completa suspensão do juízo é impossível.

Essa maneira de objeção deve ser nitidamente distinguida de uma segunda, mais psicológica, linha de ataque. Diógenes Laércio relata que os céticos foram acusados de “acabar com a própria vida”⁹. Esse é o tipo de acusação retomado por Hume, que argumenta que o pirronismo, se pudesse ser posto em prática, levaria a uma letargia muda e a um suicídio lento. Mas ele não pode ser posto em prática uma vez que “a Natureza é sempre forte por princípio”¹⁰. A objeção humeana não é à coerência teórica da perspectiva cética, mas à viabilidade de colocá-la em prática.

Portanto, há duas formas bem distintas de excluir a possibilidade de uma vida sem crenças. A primeira é sugerir que certas convicções epistemológicas, ao menos, são

⁹ Diógenes Laércio, “Pyrrho”, *Lives of the Philosophers*, em tradução de R. D. Hicks, vol. 2 (Cambridge: Harvard University Press, 1925), livro 9, linha 104.

¹⁰ David Hume, *Enquiry Concerning Human Understanding*, ed. L. A. Selby-Bigge, rev. P. Nidditch, 3ª ed. (Oxford: Oxford University Press, 1975), 160.

logicamente indispensáveis; a segunda, sugerir que certas crenças a respeito do mundo são psicologicamente inelimináveis¹¹.

A primeira objeção é intimamente relacionada à visão de que qualquer forma de ceticismo deve ser analisável dentro de um componente teórico e prescritivo, sendo o componente teórico o mais fundamental. Na tentativa de atender a essa objeção, nós olharemos também para a correção dessa suposição. Mas isso também está conectado à questão de se o ceticismo pirrônico pode finalmente ser distinguido do acadêmico. Em ambos os casos, a questão-chave é se Sexto pode afastar-se de todos os compromissos teóricos, se ele pode descrever uma coerente prática cética sem qualquer base dogmática. Essa é a questão a que me dedicarei primeiramente.

Uma maneira de conhecer a acusação de que o ceticismo se autodestrói é distinguir níveis. O cético pode afirmar que a única verdade que podemos estabelecer é uma verdade de segunda ordem, a de que não há verdades de primeira ordem que possam ser conhecidas. A única coisa que sabemos é que o conhecimento é impossível: sobre o homem, sobre o mundo, sobre os deuses, sobre o bem e o mal, nada sabemos.

Naturalmente, isso não é uma resposta que atraia Sexto, visto que o argumento de que o conhecimento pode parecer ser impossível é a tese característica do rival do pirronismo, o ceticismo acadêmico. Sexto argumenta que seu tipo de cético suspende o juízo em todas as questões, inclusive na questão sobre se o conhecimento é impossível¹².

De fato, não é claro que um cético que visa a suspensão universal do juízo tenha algo a temer da acusação de dogmatismo negativo, se ele pode converter isso em uma acusação de auto-refutação ou autodestruição. Ao contrário, ele pode recebê-la. Tendo refutado todas as pretensões de conhecimento, o cético termina por refutar sua própria posição, não deixando nada para trás¹³. Consequentemente, Sexto compara o ceticismo a um expurgo que expelle a si mesmo com todo o resto ou com uma escada jogada fora depois de ter sido escalada¹⁴. Pode ser que a tentativa de estabelecer conclusões pela razão leve à conclusão de que nada pode ser estabelecido. Isso sugere que a razão não pode ser inteiramente impotente depois de tudo, encorajando-nos a começar de novo em busca de conclusões racionalmente estabelecidas, levando de novo ao ceticismo e assim por diante. Hume notou esse padrão, devido ao qual

¹¹ Penso que Myles Burnyeat ignora essa distinção. Ver “Can the Sceptic Live his Scepticism?”, em *Skeptical Tradition*. Burnyeat conclui que o cético não pode viver seu ceticismo e representa sua conclusão como uma vindicação do desafio de Hume. Mas essa objeção, ao contrário da de Hume, não é, em última análise, psicológica. Para mais discussões a respeito do argumento de Burnyeat, ver a Seção V.

¹² Ver, por exemplo, *Outlines of Pyrrhonism* 1. 198-99.

¹³ Ver, por exemplo, *Outlines of Pyrrhonism* 1. 14-15.

¹⁴ Ver, por exemplo, *Against the Mathematicians* 8. 480-81.

recusou a acusação de auto-refutação¹⁵. Se a acusação vinga, nenhuma posição estável resulta da tentativa de ser guiado pela razão – justamente o que o cético quer.

Entretanto, esse tipo de resposta deixa dois problemas. Primeiramente, ele funciona melhor contra a acusação de que o cético deve alegar saber que o conhecimento é impossível, que nada pode ser estabelecido pela razão. Mas Sexto parece evitar mais do que afirmações de conhecimento: ele parece evitar todas as afirmações de crença¹⁶. Mas como ele pode fazer isso? Certamente ele deve pelo menos acreditar que nenhum resultado estável será emitido da tentativa de regular o assentimento pela razão. Se a suspensão do juízo implica abandonar todas as crenças, e não só as pretensões de conhecimento, a acusação de auto-refutação ameaça dar sua mordida. Em segundo lugar, se o pirrônico nega crer até mesmo em tais coisas como a de que nada pode ser determinado pela razão – ou mesmo que ele só negue alegar conhecê-las – fica bastante obscuro o que sua prática cética deve assentar. Na completa ausência de convicções epistemológicas, por que, em primeiro lugar, ser um cético? Como a atitude cética é alcançada? E, uma vez alcançada, como sustentá-la?

A maneira de Sexto de apresentar o ceticismo sugere que ele tem muitas questões como essas na mente. Seu jeito de prevenir compromissos teóricos é acentuar a primazia da técnica. Tornar-se um cético depende de adquirir uma competência, não de provar ou mesmo dar assentimento a uma tese. Assim:

Ceticismo é a capacidade de pôr em oposição, de qualquer forma que seja, aparências e pensamentos de modo que, por causa da igual força dos fatos e razões opostas, somos conduzidos primeiro à suspensão do juízo e em seguida à tranquilidade¹⁷.

A suspensão do juízo sobrevém à capacidade de satisfazer qualquer tese ou argumento dado com um argumento que a contrabalance ou com uma tese de aproximadamente a mesma força (*isosthenia*). Essa capacidade se mostra em prática e não depende de *mostrar* ou mesmo de *acreditar* que qualquer argumento ou tese pode ser assim contrariado. Até agora, nenhuma menção foi feita a nenhuma afirmação epistemológica.

Sexto insiste nisso. O cético não é um filósofo que estabeleceu um ponto epistemológico, mas que adquiriu a capacidade que acabamos de descrever¹⁸. E ele nega ter

¹⁵ Hume, *A Treatise of Human Nature*, ed. L. A. Selby-Bigge, rev. P. Nidditch, 2ª ed. (Oxford: Oxford University Press, 1978), 186.

¹⁶ Ver Burnyeat, *Skeptical Tradition*, 119.

¹⁷ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 8.

¹⁸ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 11.

sequer tentado mostrar de qualquer maneira geral que todo argumento pode ser oposto por um contra-argumento igualmente plausível. Dessa forma: “Quando dizemos ‘A cada argumento um argumento igual se opõe’ queremos dizer ‘a cada argumento que tenha sido investigado por nós...’”¹⁹. Ao fazer tal anúncio, o cético está simplesmente relatando que até agora sua capacidade de estabelecer antíteses apropriadas não o abandonou. Ele não está propondo uma tese epistemológica geral.

Essa independência de compromissos epistemológicos é crucial. Três pontos devem ser ressaltados. O primeiro é o de que Sexto não representa o cético nem como adquirindo a crença, muito menos como afirmando saber que, a cada tese ou argumento dado, uma igualmente poderosa contratese ou contra-argumento pode fazer oposição. Sexto o representa como ganhando a capacidade de produzir o tipo certo de oposição quando necessário. Essa distinção parece inteiramente legítima: é possível ser um mestre de uma técnica ou estar bastante seguro a respeito das capacidades de alguém sem ter muitas crenças sobre o assunto. Claro, há um pouco de imprecisão aqui. Nós atribuímos crenças por meio de ações de interpretação, então a confiança do cético em sua capacidade de orquestrar oposições apropriadas pode ser tomada como indicando uma crença de que tais oposições estão sempre ali para serem encontradas. Mas atribuir esse tipo de crença implícita ao cético é não vê-lo como tendo formulado e concordado com a proposição de que oposições estão sempre disponíveis, menos ainda como alegando saber qualquer coisa do tipo. Mais do que isso, todavia, confiança em ocasiões particulares não tem de ser tomada como indicativo de crenças gerais, ou mesmo crenças implícitas. Uma massa pode ser confiável a cada vez em que o cético a coloca no prato, sem que ele tenha opiniões sobre seu provável tempo de vida. Então se um cético for perguntado explicitamente se oposições apropriadas estão sempre disponíveis, ele pode bem responder que não faz ideia. Isso não o comprometeria automaticamente, nem mesmo o colocaria em tensão, com sua confiança em situações particulares.

O segundo ponto é o de que não há compromissos epistemológicos enterrados na noção de igual força, a qual deve ser entendida como igual poder de persuasão ou plausibilidade (por uma dada pessoa, em uma dada situação etc.) e não como implicando uma escala objetiva de força comprobatória. Mais do que isso, entretanto, a *epokhé* não é mediada pelo *judgamento* cético de que duas teses são igualmente plausíveis, muito menos de que elas são igualmente bem amparadas ou igualmente dignas de assentimento. Antes, a combinação

¹⁹ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 202.

de contrariedade e igualdade de apelo faz com que seja impossível concordar com qualquer uma delas. Igualmente opostas, as teses se *neutralizam*. Isso não depende de o cético fazer *qualquer* juízo a respeito delas.

Sexto identifica a capacidade de elaborar antíteses apropriadas como “o princípio básico” do ceticismo²⁰. Mas isso contrasta com a explicação dada sobre a base da *epokhé* pirrônica oferecida por Myles Burnyeat:

Sabemos perfeitamente bem *por que* parece ao cético que toda afirmação dogmática tem um contrário igualmente digno ou indigno de assentimento. É o resultado de um conjunto de argumentos projetados para mostrar, convincentemente, que este é de fato o caso²¹.

Os argumentos que Burnyeat tem em mente são os famosos “Modos de Suspensão”, e eu terei muito a dizer mais tarde sobre sua importância para Sexto. Mas como consideração de como Sexto inicialmente representa a base do pirronismo, o que Burnyeat diz é bastante errôneo. Isso atribui a Sexto convicções teóricas que ele nega ter e representa a *isosthenia* como algo que envolve o julgamento de que teses opostas são igualmente dignas ou indignas de assentimento e não, como me parece claramente pretendido, como sentidas serem igualmente plausíveis ou persuasivas.

Isso nos traz ao terceiro ponto: como com qualquer capacidade prática, nós podemos dar dicas e regras de ouro para a prática do pirronismo; mas o ceticismo pirrônico não pode ser sistematizado, formalizado ou reduzido a regras. Quando se trata de construir oposições apropriadas, deve-se ter aptidão. Assim, o ceticismo não é para todos. Os céticos, Sexto explica, são “homens de talento, que foram perturbados pelas contradições das coisas”, e que foram conseqüentemente “levados a indagar o que é verdadeiro [...] e o que é falso, esperando pela liquidação dessa questão para atingir a tranquilidade”²². O cético precisa de talento: sem isso ele provavelmente não será perturbado pelas contradições, nem dominará o método da oposição.

Isso nos leva à discursividade de Sexto. Ela emerge do meu entendimento do método da oposição de que há uma maneira que o cético tem de saber ou crer em grande parte. Não é, entretanto, a maneira prevista tanto pela objeção lógica quanto pela psicológica. A objeção lógica argumenta que as opiniões epistemológicas são indispensáveis; a psicológica, que não há ação sem crenças sobre o mundo. Mas as crenças das quais o pirrônico precisa não recaem

²⁰ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 12.

²¹ *Skeptical Tradition*, 138.

²² *Outlines of Pyrrhonism* 1. 12.

sobre nenhuma categoria. O que ele tem de saber em grande parte é o tipo de coisas que as pessoas, particularmente os filósofos, dizem. Ele precisa saber no que os outros acreditam, mesmo apesar de ele não fazer suas tais crenças. Isso é uma exigência evidente do método da oposição. Para praticar seu método, o cético precisa de mais do que pura habilidade dialética. Ele precisa, no sentido indicado, de um formidável estoque de conhecimento geral. Ele precisa saber o que os vários filósofos dogmáticos pensam, como eles argumentam e como seus vários argumentos podem ser contrapostos. Este último ele pode derivar em grande medida da observação de como eles argumentam entre si. Tendo um controle de tudo isso, ele pode explorar seus desacordos, combinar opiniões conflitantes entre si e evitar seu próprio comprometimento com elas.

Podemos ver agora que a discursividade que notamos mais cedo é uma característica essencial dos escritos de Sexto. Visto que eles são feitos para ajudar o cético neófito a adquirir informações de base, ele precisará praticar o método da oposição, e desde que o método funcione pela exploração de dificuldades particulares em vez de afirmações epistemológicas gerais, elas necessariamente alcançam toda a aprendizagem do dia. A discursividade de Sexto não é produzida pela curiosidade inativa, por uma mente indisciplinada, por uma falha em ver o que é essencial ou por uma vontade de entrar em um exagero dialético: ela é requerida pelo seu método. Isso revela a característica mais importante do método: sua independência de compromissos epistemológicos. Porque o método funciona pela exploração de conflitos internos a cada forma especial de investigação, não há substituto para um conhecimento detalhado de debates particulares.

Isso não pode ser muito enfatizado. Uma forma de ceticismo teoricamente embasada pode ser alcançada muito mais facilmente: é necessário apenas compreender uma pequena lista de argumentos céticos. Dessa forma, a densidade comparativa das apresentações modernas e contemporâneas está enraizada em considerações teóricas e epistemológicas. Pela mesma razão, a discursividade de Sexto reflete sua necessidade de cultivar sua douta ignorância, uma necessidade que, por sua vez, deriva da carência do ceticismo de qualquer conexão privilegiada com argumentos epistemológicos. O método da oposição exige que um argumento ou tese da física seja confrontado com argumento ou tese contraditório da física, um da ética com um da ética, e assim por diante.

Até agora no que diz respeito à produção de asserções firmes e positivas sobre qualquer dos assuntos tratados dogmaticamente na teoria física, nós não lidamos com a física; mas, por outro lado, com respeito à nossa oposição de cada proposição com uma proposição igual [...] nós tratamos da física.

Este também é o meio pelo qual nós aproximamos os ramos lógico e ético da assim chamada “filosofia”²³.

Em primeira instância, oposições são orquestradas dentro de campos particulares de investigação e sempre caso a caso. Não há atalhos. O cético deve confrontar as várias afirmações feitas pelos dogmáticos, ou as que instigam o dogmático residual que há nele mesmo, neutralizando-as a tempo de encontrar contrateses apropriadas. Não há questão, contanto que o método da oposição continue sendo o caminho para a *epokhé*, de agrupar classes inteiras de afirmações-de-conhecimento sob algum título geral – conhecimento do mundo, diz – varrendo-as com um puro e simples argumento. Novamente, há contraste com a percepção de Burnyeat do pirronismo como “uma prática altamente desenvolvida de investigação argumentativa, formalizada de acordo com um número de modos ou padrões de argumento”²⁴.

Não podemos tratar plenamente das questões levantadas até aqui sem antes olharmos mais de perto para os Modos, que lidam com questões epistemológicas muito gerais. Mas se a prática pirrônica é tão pronta e compactamente formalizável, o interesse de Sexto pelos detalhes das visões dos dogmáticos – sua preocupação com o que ele chama de argumentos “especiais” bem como “gerais” tipificados pelos Modos – torna-se algo como um mistério²⁵. Entretanto, se eu estiver certo, esse interesse é só o que devemos esperar. Se há outra coisa, seu interesse pelos Modos é o que se torna misterioso.

Uma consequência importante da minha consideração sobre a base do pirronismo é que o ceticismo pirrônico não pode simular o tipo de sistematicidade e encerramento das formas de ceticismo teoricamente embasadas e epistemologicamente concentradas, tais como o ceticismo da “Primeira Meditação” de Descartes. Não há maneira de prever tudo que um dogmático – i.e., um filósofo não cético – pode dizer, assim novas sugestões terão de ser tratadas conforme forem surgindo. Dessa maneira, as afirmações epistemológicas aparentemente gerais devem ser lidas com cuidado. Quando o cético diz “Todas as coisas são indeterminadas”, Sexto explica,

ele usa a palavra “são” no sentido de “aparecem a ele” [sem base teórica para *isosthenia*] e por “todas as coisas” ele não quer dizer todas as coisas

²³ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 18. Bury traduz *tou panti logói logon ison echein antithenai* como “nosso modo de opor a cada proposição uma igual proposição” (grifo meu), sugerindo uma conexão entre o método da oposição e os Modos de Suspensão. Essa invenção confunde a questão vital da relação entre os Modos e o método.

²⁴ *Skeptical Tradition*, 119.

²⁵ Geral e especial: *Outlines of Pyrrhonism* 1. 5-6.

existentes, mas aquelas coisas não evidentes investigadas pelos dogmáticos como ele examinou²⁶.

O cético não é perturbado por afirmações sobre as quais nada ouviu, e ainda que, como qualquer praticante habilidoso, ele seja confiante de suas capacidades, ele não faz previsões. Seus lemas, tais como *ou mallon* (“não mais isto do que aquilo”), não subscrevem seu método nem fazem afirmações extravagantes por seu poder. Eles simplesmente informam sobre sua aplicação bem sucedida²⁷.

Isso quer dizer que, embora o ceticismo pirrônico seja uma forma geral de ceticismo, ele não é geral da mesma maneira que os tipos teoricamente embasados de ceticismo. Sua generalidade consiste na boa vontade do cético em aplicar seu método de oposição a quaisquer afirmações-de-conhecimento que qualquer um se pense apto a fazer. Mas porque o pirronismo não é fundado numa alegação de ter mostrado que o conhecimento é impossível, sustentar o ceticismo de alguém é continuar, em vez de completar, um projeto. Novos postulados de conhecimento surgirão, antigos serão recuperados, e o cético tentará conhecê-los à medida que forem surgindo, caso por caso. A *epokhé* pirrônica é provisória, não definitiva; ocasional, não sistemática; abrangente, não fechada.

O que vale para o ceticismo teórico vale para o ceticismo prescritivo também. Sexto nunca afirmou que alguém seja obrigado a suspender o juízo ou que isso fosse o mais sábio a se fazer. Ele simplesmente descreve os céticos como aqueles que dominaram a capacidade de reter assentimento e que descobriram, para sua surpresa, que com esse domínio chega-se à paz de espírito²⁸. Isso é como deveria ser, como nós vimos, se Sexto quisesse desenvolver prescrições céticas: ele não teria nada com o que apoiá-las.

Não precisamos *deduzir* que Sexto pretende evitar dar conselhos tanto quanto fazer pontos doutrinários. Ele nos diz logo no início que, dando conta do ceticismo, ele estaria simplesmente “relatando como um cronista”²⁹. Eu penso que essa observação é para ser tomada muito seriamente: ela anuncia a intenção de Sexto de descrever, mas sem justificar nem oferecer prescrições. O ceticismo pirrônico não pode ser analisado, portanto, em componentes teóricos e prescritivos. Tornar-se um cético pirrônico não implica concordar com uma tese nem seguir uma regra prescritiva, mas antes adquirir capacidades e cultivar hábitos. Talvez nem todos consigam fazer isso; mas Sexto nunca afirma que pode.

²⁶ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 98.

²⁷ Ver *Outlines of Pyrrhonism* 1. 194-209, onde Sexto glosa os lemas céticos característicos.

²⁸ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 29.

²⁹ “*Historikós apaggellomen*”, *Outlines of Pyrrhonism* 1. 4.

III

Isso nos leva ao tipo psicológico ou humeano de objeção, o de que a *epokhé* universal poderia ser destrutiva se não fosse impossível, que o ceticismo não poderia comunicar nenhuma vida, muito menos uma vida feliz.

Objeções junto a essas linhas sempre assumem que a prática da *epokhé* impede o assentimento do cético a qualquer coisa, de qualquer maneira, em qualquer contexto. Mas nossa discussão do método da oposição deve ser suficiente para tornar essa hipótese suspeita. Desde que o método é uma técnica dialética, ele encontra aplicação mais prontamente em conexão com os tipos de opiniões que são sustentados por argumentos, opiniões que podemos provavelmente não ter inteiramente se não tivermos partido para a investigação teórica e que a maioria não filosófica geralmente não tem.

O método pirrônico, assim, significa que seu ceticismo expressa primariamente uma descrença em compromissos teóricos. O principal alvo do cético é o dogmatismo, que Sexto define como “a aceitação de um fato que parece ser estabelecido por alguma analogia ou forma de demonstração”³⁰. O cético suspende o juízo sobre o que é “não evidente”, especialmente no que concerne à natureza (*physis*) das coisas, coisas aqui sendo *hypokeimena*, “coisas subjacentes” como átomos, formas e assim por diante³¹. Numa veia similar, o cético, embora não negue ter preferências pessoais, evita a “crença adicional” de que algumas coisas são boas ou más por natureza³². Isso contrasta com nossa concepção atual do ceticismo, segundo a qual o cético questiona o que normalmente ninguém discute. O ceticismo pirrônico é baseado numa ampliação de questionamentos comuns, não em perguntar algumas questões filosóficas especiais.

Pode parecer, entretanto, que, em resposta à objeção psicológica, o pirrônico torne-se acessível novamente à acusação de auto-refutação. Sua maneira de restringir o escopo da *epokhé* parece implicar algum tipo de distinção entre o senso comum e a teoria. Mas uma forma de ceticismo que visa evitar todos os compromissos teóricos não pode assumir esse tipo de bagagem epistemológica. Ou mesmo qualquer bagagem teórica. Hume, podemos recordar, oferece uma base psicológica para sua desconfiança dos juízos sobre assuntos remotos e abstrusos: quando nós vagueamos muito além de nossas impressões, nossas propensões a crenças formadoras produzem opiniões que não são nem estáveis nem capazes de chegar a um

³⁰ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 147.

³¹ Os “objetos não evidentes da investigação analítica”, *Outlines of Pyrrhonism* 1. 13.

³² *Outlines of Pyrrhonism* 1. 29-30.

consenso. Mas, não importa quanto o pirronismo e o ceticismo mitigado humeano podem parecer convergir, isso não é um caminho que Sexto possa tomar. Na verdade, Sexto acena para os fatores que influenciam o cético, e de fato a todos os outros³³, mas não oferece nenhuma explicação sistemática. Mais importante, ele não oferece suas observações como a base para um princípio de demarcação que nos permitiria fixar antecipadamente as fronteiras do consentimento cético. Este ponto será importante adiante³⁴.

Uma vez mais, então, a chave para atender a acusação de que o cético abriga compromissos dogmáticos próprios é salientar a primazia da técnica sobre a doutrina. Qualquer distinção aqui é entre o que concerne à “vida” e o que é um assunto de “teoria” emerge da prática cética e não serve para fundamentá-la. Por isso Sexto distingue dois sentidos da palavra “critério”. Em um sentido, significa “o padrão que regula a crença em realidade ou irrealidade”, em outro sentido, “o padrão de ação conforme o qual na conduta da vida nós realizamos algumas ações e nos abtemos de outras”³⁵. O que o cético aceita ou rejeita é determinado por como ele age – a crença é implícita na ação. Ele não guia suas ações aplicando primeiramente algum critério epistêmico para determinar em que ele deve acreditar.

Duas características da maneira pirrônica de fazer coisas merecem comentário.

A primeira, bem conhecida por nós, é a de que o pirrônico tem um *estilo* distintivo de assentimento: espontâneo, submissão involuntária a seus impulsos irracionais. O assentimento é um *pathos*, algo que se sobrepõe. (É tentador ver Sexto como invertendo ironicamente a regra estoica da superação das afecções, *pathoi*, a fim de viver pela razão, *logos*: Sexto neutraliza a razão a fim de viver por suas afecções.) A vida comum, Sexto vê, é muito mais uma questão de impulso e hábito do que de juízo propriamente dito. Se você se treinar nesse estilo de assentimento – ou talvez seja melhor dizer, se você usar o método da oposição para se treinar *fora* da tentação de regular o assentimento pela razão – haverá muitas opiniões que você descobrirá não ter: o tipo de opiniões que são sustentadas por argumento.

Essa consideração do assentimento como um *pathos* não implica nenhuma passividade geral da parte do cético. Ao contrário, me parece que, por conectar de forma consistente o assentimento cético a exigências práticas, as demandas da “vida”, Sexto entende enfatizar a primazia da ação sobre o raciocínio. Cotidianamente, o assentimento é amplamente uma questão de tomar por certo. Coisas “firmes” para nós, como Wittgenstein diria. Para a maioria, elas não são nem mesmo formuladas: elas estão simplesmente implícitas no que

³³ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 23-24.

³⁴ Ver a Seção VI abaixo.

³⁵ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 21.

fazemos. Quando estamos engajados em nossas atividades cotidianas, questões sobre seu estatuto epistêmico nem mesmo passam por nossas mentes.

Isso nos leva à segunda característica da prática cética, que tem de ser feita em contexto. Sexto não o confessa explicitamente, mas eu penso que ele tem essa intenção: se não, sua consideração sobre essa prática será inconsistente. O problema é esse: Sexto diz que seu estilo de assentimento vive de “aparências”, que parece dispensar aparências, opiniões irrefletidas do senso comum, do escopo do método da oposição, e conseqüentemente do escopo da *epokhé*. De fato, é fácil encontrar passagens nas quais Sexto parece endossar algum tipo de limitação no escopo da *epokhé*, por isso presumivelmente na aplicabilidade de seu método. Por exemplo:

Dizemos que “ele [o cético] não dogmatiza” usando “dogma” no sentido, que alguns dão, de “assentir a um dos objetos não evidentes da investigação científica”; para o filósofo pirrônico não assentir a nada que seja não evidente³⁶.

“Mais importante de tudo”, ele nos diz, o cético evita “asserção positiva concernente às realidades subjacentes (*hypokeimena*)³⁷”. E quando o cético diz que “Todas as coisas são não apreensíveis”, Sexto explica,

o significado transmitido nisso – Todas as questões não aparentes da investigação dogmática que eu investiguei aparecem a mim não apreensíveis³⁸.

Essa sugestão de restrição de escopo é confirmada por Diógenes Laércio que representa o cético como alguém que afirma que:

Percebemos que o fogo queima; sobre se é de sua natureza queimar, nós suspendemos o juízo. Nós vemos que um homem se move, e que ele perece; como isso acontece nós não sabemos. Nós meramente nos opomos a aceitar as substâncias desconhecidas por trás dos fenômenos³⁹.

³⁶ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 13.

³⁷ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 15.

³⁸ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 200.

³⁹ *Diogenes Laertius* 9. 104-105.

O cético espera “ser apto a viver como a suspender o juízo sobre as investigações dos dogmáticos, mas não sobre coisas relacionadas à vida nem precisando ser protegidos delas”⁴⁰.

Entretanto, quando Sexto volta sua atenção ao método da oposição, ele insiste que não há limitações em sua aplicabilidade: qualquer coisa pode ser oposta a qualquer coisa: juízos a juízos, juízos a aparências, aparências a aparências⁴¹. Sexto parece tanto endossar quanto rejeitar colocar um limite no escopo da *epokhé*.

Penso que o único caminho para resolver essa aparente inconsistência é ver o escopo do assentimento cético como determinado não só por estilo, mas também por contexto. O que Sexto mais quer dizer é que, embora qualquer coisa possa ser questionada, algumas coisas normalmente não. No contexto da reflexão, onde nós queremos determinar o que é verdadeiro, ou o que pode ser justificavelmente crido, qualquer opinião pode estar sujeita ao método da oposição⁴². Mas no contexto da ação, da vida cotidiana, toda sorte de coisas é simplesmente tida por certa, sem argumento. Novamente, entretanto, o que essas são pode ser permitido emergir *ex post facto*. O cético não precisa especificar antecipadamente que tipo de opiniões essas serão. Dessa maneira, ele evita compromisso com qualquer doutrina de privilégio epistemológico ou mesmo psicológico. Nenhum juízo é isento de ser minado pelo cético *em virtude apenas do seu conteúdo*. Conseqüentemente, o cético não precisa de nenhuma forma de divisão de opiniões em tipos epistemológicos tais como “observacional” e “teórico”. Como diz Sexto, o cético não tem nenhuma regra ou critério para regular o assentimento, embora, como qualquer outra pessoa, ele tenha suas preferências e presunções. O que essas são, entretanto, é determinado não por quaisquer considerações teóricas, mas por várias contingências, pessoais e sociais: suas orientações biológicas, composição emocional, como e onde ele foi criado, por qual educação profissional ele pode ter passado⁴³. Pelo menos, é como parece. Ao contrário da crença natural humeana, o assentimento pirrônico não significa ser circunscrito por uma teoria da natureza humana. Compromissos epistemológicos não são os únicos a serem evitados. Todas as convicções teóricas são suspeitas.

Vemos então o quão importante é que o ceticismo pirrônico resista à análise em componentes teóricos e prescritivos. Sexto confronta as objeções lógicas e epistemológicas basicamente do mesmo jeito: reiterando a primazia da técnica sobre a doutrina. Se ele

⁴⁰ *Diogenes Laertius* 9. 108.

⁴¹ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 8-9, 31-34.

⁴² Para argumentos detalhados no sentido de que não há limites de princípios ao escopo da *epokhé*, ver Jonathan Barnes, “The Limits of a Pyrrhonist”, *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, 1982; e Myles Burnyeat, “The Sceptic in his Place and Time”, em *History*.

⁴³ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 23-24.

oferecesse prescrições, elas precisariam de apoio teórico. Mas ele não o faz: ele descreve a prática, sem dar qualquer base teórica; e, até onde vai o escopo do assentimento cético, ele vive com o que quer que surja dessa prática, sem regras sendo estabelecidas antecipadamente. Ele pode proporcionar isso porque seu ceticismo não pretende exatamente a mesma generalidade que seu homólogo contemporâneo: ele aplica a tudo o que existe afirmações-de-conhecimento, mas não ao conhecimento enquanto tal. Uma vez mais vemos que é inteiramente apropriado que Sexto devesse oferecer sua consideração do ceticismo como um relato, em vez de uma explicação ou recomendação. Ele nos conta como as pessoas se tornam céticas, como elas sustentam e expressam seu ceticismo, o que o ceticismo delas envolve, e o que seus efeitos têm sido. Mas ele não oferece nenhum aviso, muito menos nenhuma garantia.

Uma das características mais marcantes de seu relato é sua afirmação de que os céticos geralmente não se propõem a ser céticos, mais uma razão para não promover prescrições. Os “homens de talento” que se tornam céticos encontram-se perturbados pelo ponto de desacordo sobre assuntos aparentemente vitais. Mas sua reação inicial é obviamente uma: tentar encontrar a verdade para eles mesmos. O domínio do método da oposição, daí *epokhé*, arrasta-se sobre eles conforme eles se encontram mais e mais aptos a argumentar igualmente de maneira forçosa em qualquer lado da questão. Para surpresa deles, com a *epokhé* vem a paz de espírito que eles sempre desejaram. O cético é como o pintor Apeles que, incapaz de pintar a saliva da boca de um cavalo, atirou seu pincel à tela e obteve justamente o efeito que desejava⁴⁴.

Sexto não explica como a *epokhé* induz à *ataraxia*. Na experiência cética, a tranquilidade segue a suspensão “como que por acaso, como uma sombra segue sua substância”⁴⁵. Talvez o cético perca gradualmente o desejo de justificar e explicar, com seu desejo de saber a verdade sobre as coisas tornando-se assim atenuado. Ou talvez, se ele mantém um rumo investigativo da mente, ele chega a apreciar mais argumentar do que decidir, tendo descoberto pela experiência que a vida continua perfeitamente bem na ausência de convicções dogmáticas. (Essa ideia fez eco em Hume.) Cada possibilidade seria consistente com a representação que Sexto faz do ceticismo como uma cura para a ansiedade da incerteza em vez de como uma forma extrema dela⁴⁶. Ou, como eu sugeri anteriormente, pode ser que o ceticismo não funcione para todos, então não é questão de explicar por que ele

⁴⁴ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 28.

⁴⁵ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 29.

⁴⁶ Para uma recente afirmação dessa objeção, ver Burnyeat, *Skeptical Tradition*, 139.

funciona. Em qualquer dos casos, Sexto não justifica nem prescreve. Nos resta ler seu relato e reagir a ele como quisermos.

IV

Para fazer jus à afirmação de que o ceticismo pirrônico repousa sobre um método que nem precisa nem recebe suporte teórico, e então resiste à análise em um componente teórico e prescritivo, eu preciso dizer algo sobre o uso feito por Sexto de argumentos explicitamente epistemológicos. Isso envolve chegar a um acordo com os clássicos “Modos de Suspensão”.

Os Modos levantam sérias dificuldades para a visão do pirronismo que quero defender. Eles parecem ocupar uma posição central no livro 1 das *Hipotiposes*, são apresentados cuidadosa e pormenorizadamente, e certamente trafegam em teses epistemológicas. Nos “Dez Modos”, vemos Sexto argumentar, por exemplo, que nós não podemos mostrar que os homens são melhores juízes da verdade do que outros animais, que nós não podemos determinar qual de nossos sentidos dá a informação mais confiável, e que nós não podemos distinguir as propriedades intrínsecas às coisas das propriedades que elas meramente parecem ter em virtude de nossas formas de observá-las. Os argumentos ao longo dessas linhas frequentemente levam a conclusões epistemológicas gerais: que não há critério de verdade ou que tudo é relativo. Tudo isso se parece com o ceticismo teórico de um tipo ou de outro. Se for isso, a distinção entre pirrônicos e acadêmicos desmorona: a acusação de auto-refutação resiste depois de tudo. Assim poderíamos pensar, de qualquer modo.

Claramente, precisamos saber como os Modos adaptam-se ao método da oposição. Essa é uma das questões mais importantes sobre o ceticismo pirrônico. Infelizmente, é um tópico no qual Sexto está longe de ser útil. Ele apresenta os Modos reiterando a primazia do método da oposição: “Falando de maneira geral, podemos dizer que isso [*epokhé*] é o resultado de pôr coisas em oposição”⁴⁷. Os Modos, ele então nos conta, proporcionarão “um entendimento mais exato dessas antíteses”⁴⁸. Mas não é fácil ver o que ele quer dizer com isso.

Nossa primeira impressão é a de que os Modos não ilustram simplesmente o método da oposição, pelo menos como o descrevi na seção anterior. Eles claramente querem dizer que há *algum* tipo de generalidade. Uma indicação disso é que Sexto não se limita a exibir oposições, como minha consideração sobre o método sugere que ele deveria. Antes, ele frequentemente oferece *argumentos para a existência de oposições*, como nesse exemplo

⁴⁷ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 32.

⁴⁸ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 35.

vindo do primeiro dos Dez Modos. “As mesmas impressões não são produzidas pelos mesmos objetos, devido às diferenças nos animais. Isso nós inferimos tanto das diferenças em suas origens quanto da variedade de suas estruturas corpóreas”⁴⁹. De fato, o procedimento típico de Sexto nos Dez Modos é primeiro declarar uma tese geral e citar “oposições” como ilustrações ou talvez até mesmo evidências disso. Assim o “Sexto Modo” é apresentado como que

pelo qual concluímos que, porque nenhum dos objetos reais afeta nossos sentidos por si mesmo, mas sempre em conjunção com algo mais, embora possivelmente possamos ser capazes de declarar a natureza da mistura resultante formada pelo objeto externo e que juntamente com a qual é percebido, nós não seremos capazes de dizer o que é a exata natureza da realidade externa em si mesma⁵⁰.

Vários exemplos são então dados de como o caráter de um objeto varia com seu ambiente ou com seu caráter percebido, e em que circunstâncias ele é percebido.

Disso parece que o propósito dos Modos não é só ilustrar o método da oposição mas dar a ele algum tipo de suporte teórico. Por argumentar que conflitos indecidíveis estão sempre ali para ser encontrados, nós poderíamos pensar que Sexto garante a aplicabilidade geral de seu método. Nós já notamos de passagem que esse é o entendimento de Burnyeat dos Modos: ele os usa para mostrar que qualquer afirmação dogmática tem um contrário igualmente digno de assentimento⁵¹. Mas na minha consideração do pirronismo, tentar uma coisa dessas seria tirar todo o ponto de basear a prática cética no método da oposição.

Uma resposta possível é que os Modos não dão uma garantia teórica da *aplicabilidade* do método tanto quanto dicas gerais para sua *aplicação*. Eles fazem isso apontando para as maneiras pelas quais os juízos variam com quem (ou o que) está julgando, com base em que sentido, em que condições particulares, e assim por diante. Se isso ainda parece chegar perigosamente perto de fornecer uma base dogmática para a prática pirrônica, devemos lembrar, como Annas e Barnes enfatizaram, que os exemplos aos quais Sexto recorre são amplamente tomados dos escritos dos dogmáticos. Então não é claro que, usando-os para indicar como gerar oposições, o cético tenha de acreditar nos “fatos” que relata⁵². Entretanto, por várias razões, essa resposta não será feita.

⁴⁹ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 40.

⁵⁰ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 124.

⁵¹ *Skeptical Tradition*, 138.

⁵² Julia Annas e Jonathan Barnes, *The Modes of Scepticism* (Cambridge: Cambridge University Press, 1985), cap. 4.

Antes de tudo, a resposta funciona no máximo para os Dez Modos, somente para os Dez dá alguma coisa remotamente, como direções para buscar oposições. Mas isso não se aplica a todos com sucesso. Considere o “Sexto Modo”, já citado. Na verdade, apoiando a tese geral do “Sexto Modo”, Sexto alude a como o caráter percebido de um objeto vai variar com seu ambiente ou com como ele é observado. Mas a ênfase não é em como as aparências conflitantes se neutralizam, mas como elas apoiam a afirmação geral de que o conhecimento da natureza real de uma coisa está além de nós. Ou, considerando o Oitavo Modo, “que se baseia na relatividade”: ele contém argumentos que não fazem menção a quaisquer conflitos de opinião⁵³.

Isso sugere não apenas que os Modos não são geralmente planejados para dar dicas à prática do método da oposição, mas que alguns deles pelo menos não devem mesmo ser planejados para dar suporte teórico ao método. Antes, eles parecem ser oferecidos como argumentos céticos independentes que não têm conexão essencial com o que pareceu primeiro ser a via cética pirrônica preferida para a *epokhé*. Essa impressão é certamente reforçada pela familiaridade com os Cinco Modos, dados como Discrepância, Regressão ao Infinito, Relatividade, Hipóteses e Raciocínio Circular. Os Cinco parecem listar cinco estratégias distintas para neutralizar as opiniões dos dogmáticos: explorar conflitos de opinião, conduzir um oponente a um regresso quando ele tenta justificar suas convicções, argumentar que suas verdades supostamente absolutas são realmente relativas, mostrar que seus argumentos se assentam em suposições irracionais, ou mostrar que eles são realmente circulares. Obviamente, essas estratégias podem ser feitas para funcionar juntas. Em particular, os Modos da Regressão, Hipótese e Circularidade ameaçam qualquer um que pense que crenças podem ser apoiadas por evidências com um trilema potencialmente devastador. Esse trilema repousa no coração dos Dois Modos, que são o de que nada é auto-evidente, como é aparente do domínio de conflitos de opinião, mas que nada é inferencialmente justificável, desde que tente na justificação inferencial levar ao regresso ou à circularidade. Aqui os conflitos de opinião são mencionados somente como contando contra uma tese epistemológica. E, no caso dos Cinco, somente o primeiro, Discrepância, é mesmo reminescente do método da oposição. O resto explora considerações epistemológicas que parecem completamente desconexas, mas que, tomadas juntas, oferecem a base de uma poderosa questão para o ceticismo teórico geral. O método da oposição parece não ser a base exclusiva do ceticismo pirrônico mas somente uma única estratégia dentre várias.

⁵³ Ver os “argumentos especiais” em *Outlines of Pyrrhonism* 1. 137-38.

O pior está por vir. Numa investigação mais detalhada, nem mesmo os Dez Modos parecem ter muita conexão com o método da oposição. Nós já notamos que o Sexto e o Oitavo parecem independentes disso. O Sétimo é muito similar em espírito ao Sexto; e o Nono é uma excentricidade, tem a ver com o fato de que objetos e ocorrências raros fazem mais de uma impressão em nós do que as trivialidades. Isso deixa o Décimo, que detalha as variações em formas de vida e opiniões morais, e os cinco primeiros.

Vamos deixar o Décimo Modo de lado por um momento e observar os cinco primeiros. Esses Modos, é verdade, começam com argumentos para, e ilustrações de, diferenças dramáticas em maneiras de ver o mundo. O que não é tão claro, entretanto, é se as discrepâncias notadas têm algo a ver com a chegada à *epokhé* pela via do método da oposição – a saber, por ter opiniões conflitantes ou aparências que se neutralizam. O que descobrimos, de fato, é que a indicação por Sexto de fontes genéricas de conflito em juízos marca o começo em vez do fim de seu argumento, para isso serve repetidamente como um prelúdio para um argumento cético completamente geral explorando as considerações mostradas abstratamente nos Cinco Modos e nos Dois⁵⁴.

Por vezes essas considerações são implantadas contra a ideia de que as opiniões podem ser apoiadas pela evidência, como neste exemplo dos Quinto Modo (“Posições, Distâncias e Localizações”):

Desde que [...] todos os objetos aparentes são vistos em um certo lugar, e de uma certa distância, ou em uma certa posição, e cada uma dessas condições produz uma grande divergência nas impressões sensoriais [...], seremos compelidos por esse Modo também a terminar em suspensão de juízo. De fato qualquer um que proponha dar a preferência a qualquer dessas impressões estará tentando o impossível. Pois se ele emitir seu juízo de maneira simples e sem provas, ele será desacreditado; e se ele, por outro lado, desejar tirar a prova, ele vai refutar a si mesmo se disser que a prova é falsa, enquanto se ele afirmar que a prova é verdadeira lhe será pedida uma prova de sua verdade [...] e assim *ad infinitum*⁵⁵.

Entretanto, a forma preferida de argumento de Sexto é aplicar o mesmo tipo de estratégia contra a ideia de estabelecer um princípio ou um “critério” – uma pessoa particular,

⁵⁴ Ver, por exemplo, *Outlines of Pyrrhonism* 1. 59-61, 90-91, 98, 112-217, 121-23. O argumento no “Terceiro Modo” (*Outlines of Pyrrhonism* 1. 98) é assumidamente breve. É uma versão de um dos favoritos de Sexto – o de que não há juízes imparciais – que é ele mesmo um exemplo de como tentativas de dar razões para preferir algumas visões a outras tende a terminar em raciocínio circular. Sua brevidade é provavelmente conectada com o fato de que Sexto usa o Terceiro Modo como a ocasião de refutar a sugestão de que “a Natureza fez os sentidos proporcionais aos objetos dos sentidos”. O argumento “não há juiz imparcial” não é o foco principal, mas ocorre como parte de sua refutação dessa outra teoria epistemológica.

⁵⁵ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 121-22.

um sentido particular, um conjunto especial de circunstâncias ou o que seja – por referência a qual verdade é determinada. Assim, para tomar um exemplo do Segundo Modo,

Quando os Dogmáticos [...] afirmam que julgando coisas eles devem preferir a si mesmos às outras pessoas, sabemos que sua reivindicação é absurda; para eles, eles mesmos são parte da controvérsia; e se, ao julgar as aparências, eles já tiverem dado preferência a eles mesmos, então, por assim confiarem-se com o juízo, eles estão pedindo a questão antes do juízo ser iniciado⁵⁶.

Sexto formula o problema do critério de várias maneiras, às vezes ressaltando a ameaça de um regresso, às vezes a ameaça de circularidade⁵⁷. Colocando as diferentes versões de seu argumento juntas, obtemos algo como o seguinte. A resolução racional de uma disputa exige um critério de correção (de argumento ou afirmação) que deve ser ele mesmo aceito tanto com argumento quanto sem. Se for aceito sem, estamos simplesmente assentando nossa questão numa afirmação irracional que, por nossos próprios padrões racionais, não é melhor que qualquer outra afirmação irracional. Mas se for aceito com argumento, devemos estabelecer sua correção (assim como sua validade e a verdade de suas premissas), e por qual critério faremos isso? Se dissermos que é pelo mesmo critério, estaremos raciocinando em um círculo, como por exemplo quando assumimos que os homens podem julgar a correção de um argumento para mostrar que suas opiniões são preferíveis às dos outros animais. Mas se dissermos que é por um critério diferente, embarcaremos em um regresso. Por trás das várias versões desse argumento sempre encontraremos a ideia fundamental, que poderíamos chamar de “Trilema de Agripa”, depois autor dos Cinco Modos: que qualquer tentativa de justificação termina em suposições injustificadas, um regresso vicioso ou raciocínio circular.

Vemos então que embora os Modos sejam apresentados como “um entendimento mais exato” das antíteses que o cético invoca para alcançar a *epokhé*, e embora alguns dos Dez Modos comecem ensaiando conflitos de opinião, as opiniões conflitantes não parecem induzir à *epokhé* simplesmente pela neutralização de uma a outra. Antes, elas parecem ser envolvidas com argumentos bastante gerais para o ceticismo teórico. Mas podemos ir mais longe, pois penso que quando olhamos mais de perto as antíteses que Sexto cita, vemos que elas não podem funcionar de outra maneira. Elas não são o tipo de antíteses que podem ser exploradas pelo simples método da oposição.

⁵⁶ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 90.

⁵⁷ A afirmação mais importante do problema do critério ocorre no Quarto Modo (*Outlines of Pyrrhonism* 1. 112-17), mas é muito elaborada para ser citada.

O método da oposição depende de o cético ser apto a trazer à mente opiniões ou aparências conflitantes que sejam igualmente plausíveis para ele. Mas muitas das maneiras conflitantes de ver o mundo tomadas seriamente por Sexto ao apresentar os Modos *não podem ser trazidas à mente*, pela simples razão de que nós não sabemos o que elas são. Por exemplo, no Primeiro Modo, Sexto argumenta que há boas razões para supor que diferentes animais veem o mundo de diferentes maneiras, mas ele não sugere que nós sempre saibamos como os outros animais o veem, embora a familiaridade com a estrutura de seus órgãos dos sentidos possa nos levar a arriscar algumas especulações. Então, do ponto de vista do método da oposição, argumentos para a existência de discrepâncias entre maneiras de ver o mundo não nos apresentam antíteses utilizáveis.

Isso não é tudo. Mesmo em casos nos quais podemos trazer as opiniões conflitantes à mente, não há garantia de que elas se neutralizarão, pois não há garantia de que elas farão uma impressão igualmente poderosa em nós. Podemos reconhecer o fato de que as visões de um cão são diferentes das nossas e, presumivelmente, plausíveis a um cão, mas esse cão não nos habilita a tomar a perspectiva canina tão seriamente quanto a nossa própria. Penso que o mesmo é verdadeiro nas oposições citadas no Décimo Modo, que anteriormente deixamos de lado. Podemos reconhecer atitudes diferentes, diferentes maneiras de viver, mas não achá-las igualmente atraentes. Por exemplo, “Aristipo considera o uso de trajes femininos uma questão de indiferença, embora o consideremos uma coisa vergonhosa”⁵⁸. As antíteses do Décimo Modo parecem calculadas para apoiar uma visão relativista das leis, condutas e morais: *autres pays, autres moeurs*. Elas não conduzem diretamente à *epokhé*: elas fazem uma questão filosófica.

O argumento não acaba aqui. Sexto não somente reconhece, ele explora, o fato de que opiniões conflitantes não precisam de equilíbrio. Nós já o vimos argumentar que não há juízos imparciais: os homens podem reconhecer que outros veem coisas de maneiras diferentes, mas ainda favorecem suas próprias opiniões. O argumento ganha sua melhor formulação no Quarto Modo:

a pessoa que tenta resolver [uma disputa] está ou em [alguma disposição] ou em nenhuma disposição que seja. Mas declarar que não está em absolutamente nenhuma disposição [...] é o cúmulo do absurdo. E se ela for julgar as impressões sensoriais enquanto estiver em alguma outra disposição, ela será uma parte do desacordo, e, além disso, não será um juiz dos objetos

⁵⁸ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 155.

externos subjacentes [...]; para nós assentirmos mais facilmente às coisas presentes, que nos afetam no presente, do que às coisas não presentes⁵⁹.

Nós não podemos julgar imparcialmente mesmo entre os juízos que nós fazemos em diferentes estados (de mente, saúde, ou o que seja) porque estamos sempre em algum estado ou outro e automaticamente favorecemos os juízos convenientes a tal estado. Isto é, os Modos apontam para conflitos em juízos nos quais *os juízos opostos não se equilibram*. É essencial a esse argumento que as antíteses que ele aponta não sejam casos de *isosthenia*. Segue-se que elas não têm nada a ver com o método da oposição⁶⁰.

Esse ponto, embora fundamental, é facilmente falho. Assim Gisela Striker encontra dois tipos básicos de argumento cético nos Dez Modos, e uma “inconsistência aparente” entre eles. Um tipo de argumento visa estabelecer a indecidibilidade de qualquer conflito de opinião e então “tentar claramente estabelecer *isosthenia*” ao passo que o outro tipo, o argumento da relatividade, tenta mostrar que “nunca estamos certos a respeito da natureza das coisas porque tudo o que nós temos descoberto é relativo”⁶¹. Então enquanto o argumento da indecidibilidade visa a suspensão de juízo, o argumento da relatividade parece envolver um elemento de dogmatismo negativo. De fato, entretanto, como Striker os apresenta, os argumentos estão em pé de igualdade. Tentar mostrar que os conflitos de opinião nunca podem ser resolvidos é tanto um exercício de dogmatismo negativo quanto uma tentativa de mostrar que todos os juízos são relativos. A questão do método da oposição é que a *isosthenia* não é “estabelecida”, mas sentida. O método funciona, não por argumentar que há conflitos que nunca podem ser (racionalmente) resolvidos, mas por *mostrar* antíteses em que as opiniões e argumentos conflitantes são sentidos ser igualmente plausíveis e então se neutralizam. Argumentos em favor da indecidibilidade não têm nada a ver com *isosthenia*.

Apesar disso, Sexto alega que reconhecer a existência de conflitos indecidíveis leva à *epokhé*. Se isso não pode ser feito por meio de juízos equipolentes que se neutralizam, certamente pode ser feito por meio de convencer-nos do ceticismo teórico. Nós chegamos a praticar a suspensão de juízo porque reconhecemos que não há critério de verdade ou que tudo

⁵⁹ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 112-13.

⁶⁰ Annas e Barnes notam que “Sexto nunca apresenta um único exemplo real do Primeiro Modo. Ele não pode produzir um conflito real de aparências, ele pode somente produzir argumentos para mostrar que provavelmente há conflitos de aparências (embora possamos conhecer no máximo um lado do conflito)” (*Modes of Scepticism*, 41). Eles veem um problema parecido com o uso de exemplos hipotéticos no Nono Modo (o comum e o raro) e notam que a objeção ao uso de tais exemplos é que “eles não são suscetíveis de satisfazer a condição de equipolência” (*Modes of Scepticism*, 150). Entretanto, eles simplesmente veem tais problemas como indicando uma falha ocasional da parte de Sexto em encontrar as demandas do método da oposição, ao passo que a real dificuldade é que Sexto parece estar oferecendo uma via totalmente diferente para a *epokhé*.

⁶¹ Striker, “The Ten Tropes of Aenesidemus”, in *Skeptical Tradition*, 112.

é relativo. Os Modos nem explicam, subscrevem, nem dão dicas para a aplicação do método da oposição. Eles fundam a prática cética em teses céticas sobre o conhecimento, verdade e justificação, obscurecendo assim a distinção entre os ceticismos pirrônico e acadêmico. Ou não é?

V

O problema, então, é este: Sexto parece oferecer duas radicalmente diferentes abordagens do ceticismo – uma abordagem não teórica, não prescritiva, baseada no método da oposição, e uma forma na qual a suspensão de juízo é mediada por argumentos epistemológicos no sentido de que nenhuma disputa jamais pode ser resolvida, que o conhecimento das reais naturezas das coisas é impossível, ou que tudo é relativo. Contudo, embora as duas abordagens pareçam bastante irreconciliáveis, ele parece oferecer à segunda algum tipo de explicação da, ou pelo menos suplementar à, primeira. Isso é o que precisamos entender⁶².

Uma sugestão, devida a Michael Frede, é de que o assentimento cético a suas conclusões e princípios é somente “cética”, não dogmática⁶³. Frede distingue entre “ter uma visão” ou “ser deixado com uma impressão” e “fazer uma afirmação” ou “tomar uma posição”. Repetidas falhas ao estabelecer algo como certo deixam o cético com a impressão de que nada pode ser conhecido e que é sábio suspender o juízo. Embora a experiência o tenha deixado com essas visões, ele não afirma que elas sejam verdadeiras ou mesmo justificadas: ele não faz afirmações nem toma posições. Isso é porque ele não julgou, por meio da aplicação de algum critério epistêmico, que nada pode ser conhecido ou que alguém deve suspender o juízo. Antes, sua experiência repetida de ser conduzido à *epokhé* o deixou com a impressão, inclinado ele a supor, de que isso é como as coisas devem ser. Em outras palavras, ele concorda com seus princípios céticos da mesma maneira com que concorda com coisas no

⁶² A maioria dos críticos parece ignorar a tensão entre o método da oposição e a via teórico-prescritiva para a *epokhé* aparentemente recomendada nos Modos. Brochard defende que os Modos significam “as diversas maneiras ou razões pelas quais alguém chega a esta conclusão: que é necessário suspender o juízo”, sem se preocupar se isso vai contra a intenção declarada de Sexto de evitar conclusões e prescrições dogmáticas: ver *Les Sceptiques Grecs* (Paris: Vrin, 1887), 284. Stough (*Greek Skepticism*, 88) acha que os céticos pretendem que seja “uma afirmação factual estabelecida” que “podemos dizer nada (saber) sobre a natureza real de um objeto”, sem mostrar nenhum interesse sobre o elemento flagrantemente dogmático que isso introduziria no pirronismo. Não é surpreendente, então, achar que ela também vê nos Modos “uma recomendação implícita” de que “nós não devemos fazer asserções sobre a forma ‘X (realmente) é Y’” (*Greek Skepticism*, 90). Striker vê os Modos como “uma sistemática coleção [...] coleção de argumentos contra a possibilidade do conhecimento” (*Skeptical Tradition*, 95), mas não explica por que um cético que renuncia ao apego dogmático à impossibilidade ofereceria tal coisa. Nem Annas e Barnes têm muito a dizer sobre a questão.

⁶³ Ver “The Sceptic’s Two Kinds of Assent”, in *History*.

decurso da vida comum: sua concordância é algo que vem a ele como um *pathos*. Mas ele não tem visões sobre o estatuto epistêmico das coisas as quais ele se encontra inclinado a dizer.

Há algo a ser dito por isso como uma consideração da atitude cética a respeito dos lemas que resumem sua atitude para com pretensões de conhecimento. Sexto diz, por exemplo, que quando o cético diz que para cada argumento um argumento igual se opõe, ele está relatando que assim é como isso aparece a ele, indiscutivelmente ligando sua maneira de assentir a essa expressão cética característica a seu estilo de assentir em questões da vida cotidiana. Entretanto, não penso que invocar a ideia de um estilo cético de assentimento ajudará a explicar a atitude de Sexto em relação às conclusões dos argumentos nos Modos. Pois, como vimos, esses argumentos não parecem nos dar exemplos repetidos de *isosthenia*, mas antes francas demonstrações da impossibilidade do conhecimento. Experiências repetidas não entram, nem fazem os fatores que Sexto menciona como influenciando o assentimento cético: orientações biológicas, estrutura emocional, educação e treinamento profissional. Seria alongar coisas para tentar trazer as conclusões alcançadas nos Modos para dentro do âmbito do assentimento cético.

Outro problema em aplicar a sugestão de Frede aos Modos é que fazer isso não dá conta de sua aparente centralidade e importância. Se Frede está certo, o assentimento cético a seus princípios, teóricos e prescritivos, emerge de sua experiência, e portanto fora de sua prática cética. Isso significa que seu assentimento a tais princípios nem guia nem fundamenta sua prática. Por que, então, parece ser tão importante a Sexto defender princípios céticos? Podemos colocar a objeção na forma de um dilema: ou o assentimento cético aos princípios céticos, uma vez atingido, é forte o bastante para ajudar a guiar e sustentar a prática cética, em cujo caso da distinção entre assentimento cético e dogmático começa a vacilar; ou tal assentimento é ele mesmo inteiramente dependente da busca contínua do cético de se levar à *epokhé* em todos os temas de investigação, em cujo caso sendo levado à suspensão na questão da possibilidade do conhecimento, agora que as visões epistêmicas nem guiam nem motivam a prática cética, não têm significação especial, o que tira qualquer significação especial dos Modos.

O que a sugestão de Frede sugere, penso, é o poder da ideia de que o ceticismo pode ser analisável dentro de componentes teóricos e prescritivos. Como já vimos, Frede não tem uso real para esse tipo de análise, uma vez que ele representa o assentimento cético a seus princípios como derivado de sua experiência da prática cética e não como guiando ou fundamentando-a. Não obstante, ele continua a pensar que, ao fim, o ceticismo pirrônico deve

de alguma maneira fatorar em componentes teóricos e prescritivos: o único problema é mostrar como ele pode fazer isso sem transformar-se em alguma forma de dogmatismo negativo. Não ocorre a ele perguntar se o cético precisa assentir a quaisquer princípios de qualquer forma absolutamente, não importa quão “cético”.

Uma melhor sugestão, que liberta o cético da necessidade de assentir a suas conclusões de seus argumentos céticos, é a de que alguns de seus argumentos pelo menos têm uma característica peculiar: eles são autocanceladores, sendo aparentemente bons argumentos para a conclusão de que não existe tal coisa como um bom argumento⁶⁴. Os Modos são intrinsecamente opositivos. Precisamente porque ele visa a *epokhé*, em vez de uma forma dogmática de ceticismo, o pirrônico acolhe essa característica. Ele não tem razão absolutamente para ser perturbado pelo fato de que suas tentativas de argumentar se autodestroem: muito pelo contrário, sua boa vontade de minar seus próprios argumentos é o que o distingue do cético acadêmico.

Sem dúvidas, essa capacidade de autodestruição, para gerar oposições a elas mesmas, é uma importante característica de certos argumentos em prol do ceticismo teórico. Mas apontar para isso não responde a questão sobre a relação de tais argumentos com o método de oposição. De fato, como a sugestão de Frede, isso dá motivo para apresentar tais argumentos em primeiro lugar muito obscuros. O motivo óbvio para defender o ceticismo teórico é mostrar a razoabilidade das práticas e prescrições céticas. Mas se os argumentos apresentados são autodestrutivos, nenhuma conclusão estável emerge, então por que se importar em dá-los?

Penso que há cinco características da apresentação de Sexto dos Modos que juntas dão pistas de como ele acha que os Modos devem ser entendidos e o que qualquer leitura dos Modos deve levar em conta.

A primeira é a subordinação de argumentos epistemológicos gerais a discrepâncias atuais entre as maneiras pelas quais diferentes pessoas e animais veem o mundo. Mesmo se as antíteses apresentadas não são adequadas a aplicações diretas do método da oposição, os argumentos mais gerais de Sexto permanecem de alguma maneira auxiliares à existência de atuais conflitos de opinião. De um ponto de vista moderno, isso é bastante peculiar. Nós tendemos a achar suficiente para a geração de problemas céticos que haja alternativas logicamente possíveis para nossas visões comuns, embora elas possam ser visões que ninguém leve a sério nem por um minuto – por exemplo, a hipótese de que todos nós somos cérebros em cubas. Certamente, os problemas favoritos de Sexto – o regresso e o critério –

⁶⁴ Robert Fogelin acentuou a importância disso em sua resposta a um artigo meu proferida nos encontros da divisão do Pacífico da Associação Filosófica Americana, em 1985.

podem ser levantados independentemente de se alguém realmente discorda de alguma outra pessoa. Quando Charlotte Stough alega que a ênfase de Sexto no desacordo é “enganosa porque sugere que a existência de tal conflito é essencial ao argumento principal” ela está exprimindo uma reação muito natural⁶⁵. Entretanto, essa ênfase é tão persuasiva que eu penso que deveríamos tentar explicá-la em vez de rejeitá-la.

A segunda característica, bem documentada por Annas e Barnes, é que a evidência invocada por Sexto para defender a conclusão de que há maneiras radicalmente diferentes de ver o mundo é geralmente tomada dos escritos dos Dogmáticos aos quais ele se opõe⁶⁶. Além disso, seus argumentos frequentemente ativam afirmações que parecem ter a ver com assuntos altamente não evidentes, tais como afirmações sobre como os órgãos da percepção de vários animais estruturam a experiência perceptual deles. Em outras palavras, ele baseia seus argumentos nos próprios tipos de considerações sobre as quais deveríamos esperar que ele suspendesse o juízo. Isso me parece muito difícil de alinhar com a visão endossada por Stough, de que o cético toma como “uma afirmação real estabelecida” a de que nós não podemos saber “nada da real natureza de um objeto”⁶⁷. Se ele defende conclusões céticas das premissas dos dogmáticos e por meio do tipo de argumentos teóricos que eles endossam, é muito mais provável que seu alvo é de alguma maneira criar dificuldades para eles do que estabelecer pontos doutrinários próprios.

Essa suspeita é reforçada pela terceira característica sobre a qual eu quero chamar atenção. Como Striker enfatizou, parece haver dois tipos distintos de argumento cético nos Modos, que não se ajustam totalmente bem juntos. O primeiro tipo de argumento, que parece dominar os sete primeiros dos Dez Modos, tem a ver com indecidibilidade. Sexto chama atenção para as maneiras como as impressões de como as coisas variam de acordo com quem está julgando, por qual modalidade sensitiva, e em quais circunstâncias, a fim de defender que disputas sobre a real natureza dos objetos nunca podem ser decididas. Isso parece conceder que alguma impressão pode representar precisamente como as coisas são na realidade ou por natureza, mas para afirmar que não há maneira de saber qual. O primeiro impulso dos argumentos de Sexto parece ser o de que não há destaque de impressões privilegiadas, juízos privilegiados ou circunstâncias privilegiadas: nenhuma impressão tem uma afirmação melhor para representar a realidade do qualquer outra. Entretanto, o Oitavo Modo, relatividade, parece andar bem diferentemente. A diferença não é indiscutível. Defendendo a relatividade

⁶⁵ *Greek Skepticism*, 77.

⁶⁶ *Modes of Skepticism*, cap. 4.

⁶⁷ *Greek Skepticism*, 88.

de todas as coisas, Sexto alude ao material já apresentado e explica que, pelo argumento de que todas as coisas são relativas, ele quer dizer que todas as coisas aparecem relativas⁶⁸, então o Oitavo Modo pode fazer não mais do que resumir as fontes de impressões conflitantes que lhe deram a base de seu argumento de indecidibilidade, um pensamento talvez apoiado por sua referência à relatividade como “o mais geral” dos Modos⁶⁹. Entretanto, sua adição de vários “argumentos especiais” à relatividade de todas as coisas⁷⁰ sugere um papel independente para o Oitavo Modo e sua conclusão, a de que “nós não estaremos aptos a declarar o que a natureza de cada um dos objetos é em sua real pureza, mas somente o que a natureza parece possuir em seu caráter relativo”⁷¹, aponta para uma nova linha de pensamento. Essa é a de que, ao contrário da pressuposição do argumento da indecidibilidade, não há questão de *nenhuma* impressão que represente a natureza real de um objeto porque nenhum objeto sequer é dado a nós “em sua real pureza”, mas somente em “seu caráter relativo”, ou melhor, em caracteres relativos multiformes. Se isso estiver certo, o argumento de relatividade corta mais profundamente do que o argumento da indecidibilidade e ameaça torná-lo redundante. Por que argumentar que não há maneira de identificar impressões privilegiadas, se nenhuma impressão poderia ser privilegiada?

O que torna a situação especialmente enigmática, entretanto, é o interesse primordial de Sexto pelo problema do critério. Na verdade, ele descreve a relatividade como “o mais geral dos Modos”, mas se julgarmos pela frequência e elaboração da apresentação, o argumento de que não há critério, nem observador privilegiado, sentido, ou circunstâncias é o único que realmente captura o interesse de Sexto. Esse interesse particular pelo problema do critério é a quarta característica dos Modos que precisa ser explicada.

Eu salvei o que tomei como a pista mais significativa até então. Isso tem a ver com o uso no qual os argumentos dados nos modos são eventualmente empregados. Se os Modos ofereceram dicas ou padrões para praticar o método da oposição, ou se eles ofereceram a base final para a prática cética, deveríamos esperar referências para eles dispersas por toda a obra de Sexto. Mas de fato – e esse é um ponto cuja importância não tem sido suficientemente apreciada – referências a eles ou usos óbvios de material vindo deles tendem a ser concentradas naqueles capítulos nos quais Sexto está lidando com questões especificamente epistemológicas: notavelmente no livro 2 das *Hipotiposes*, em que ele discute o problema do

⁶⁸ *Outlines of Pyrrhonism*, 1. 135.

⁶⁹ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 39. Annas e Barnes tomam a visão de que o Modo da Relatividade “fornece uma descrição geral da estrutura de todos os Modos de Enesidemo” (*Modes of Skepticism*, 144).

⁷⁰ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 137-38.

⁷¹ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 140.

critério e a noção de prova, e nas seções correspondentes de *Contra os Matemáticos*⁷². A conclusão que eu gostaria de desenhar disso é a de que a apresentação de argumentos do cético pirrônico para o ceticismo teórico não mostra que ele concorda com a impossibilidade do conhecimento, ou com a relatividade de todas as coisas, mais do que seu chamado de atenção aos paradoxos de Zenão mostra que ele concorda com a impossibilidade do movimento. Os últimos são criados para confundir os físicos, e o primeiro, para confundir os lógicos. Em outras palavras, os argumentos céticos dados nos Modos não fundamentam, explicam ou dão dicas para a prática cética do método cético: *eles o justificam sem epistemologia*.

Os filósofos dogmáticos tipicamente oferecem explicações não só sobre a natureza das coisas, mas também sobre como essa natureza se torna conhecida para nós. Assim o cético pirrônico precisa de argumentos para o ceticismo teórico: não subscrever sua própria perspectiva, mas fazer oposição às ideias epistemológicas dos dogmáticos⁷³. Significativamente, no livro 2 das *Hipotiposes*, Sexto põe seus argumentos negativos no contexto das asserções positivas de seus oponentes, mesmo terminando algumas de suas próprias discussões com ensaios breves de argumentos no outro lado⁷⁴. Depois de ensaiar o argumento, conhecido dos Modos, de que qualquer tentativa de validar um critério termina em circularidade ou regresso, ele é cuidadoso ao apontar que

alguém deveria notar que nós não propomos afirmar que o critério de verdade é irreal (pois isso seria dogmatismo); mas desde que os Dogmáticos pareceram ter estabelecido plausivelmente que há realmente um critério de verdade, nós temos de estabelecer contra-argumentos que pareçam ser plausíveis⁷⁵.

Ele assinala o mesmo em *Contra os Matemáticos*:

nós não empregamos argumentos contra o critério por meio de sua abolição, mas com o objetivo de mostrar que a existência de um critério não é

⁷² Ver, por exemplo, *Outlines of Pyrrhonism* 2. 9, 19-20, 45 (referência explícita), 51-56 (referência explícita), 74-78 (referência explícita); *Against the Mathematicians* 7. 62, 317, 320, 338-42, 346 (referência explícita); *Against the Mathematicians* 8. 15-29, 39.

⁷³ As ideias que ele tinha primeiramente em mente são quase certamente aquelas dos estoicos. Ver Michael Frede em *Skeptical Tradition*. Ver também Stough, *Greek Skepticism*, 93.

⁷⁴ Ver, por exemplo, *Outlines of Pyrrhonism* 2. 130-31, 185-86. Em *Against the Mathematicians* 7, especialmente, as visões de seus oponentes na questão do critério são cuidadosa e elaboradamente apresentadas.

⁷⁵ *Outlines of Pyrrhonism* 2. 79.

totalmente confiável, igualdade de condições sendo apresentada à opinião contrária⁷⁶.

Assim, ao defender conclusões céticas, o pirrônico não está nem fundamentando seu método, nem providenciando um atalho alternativo à *epokhé*: ele está antes *aplicando* seu método, *estendendo* sua *epokhé* a disputas epistemológicas⁷⁷.

Isso talvez seja difícil de vermos porque nós estamos muito acostumados a pensar o ceticismo como uma tese *dentro* da epistemologia, ao passo que, para Sexto, todas as posições epistemológicas, incluindo o ceticismo teórico, são apenas mais coisas sobre as quais ser cético. Entretanto, quando vemos os Modos dessa maneira, as várias características sobre as quais discutimos se encaixam. Outras importantes questões são respondidas também. Em particular, se os Modos simplesmente oferecem aplicações adicionais do método pirrônico, por que eles parecem ser de importância tão central? Ou, para colocar a questão de outra maneira, o que dá a eles a generalidade que Sexto tão claramente vê neles? Se os modos dão a base teórica para a prática cética, sua generalidade é prontamente contabilizada. Se não lemos os Modos assim, sua importância e generalidade deve ser explicada de outra maneira.

A forma pela qual os Modos assumem importância geral é a de que eles são *centrais* para os debates com dogmáticos sem serem *fundacionais* para os próprios céticos. Tentativas de formular critérios de verdade e prova são a inevitável reação à frustração de um cético em empregar o método da oposição, ou em face de disputas contínuas entre dogmáticos rivais. Isso é o motivo pelo qual reais conflitos de opinião sempre alcançam o estágio do desenvolvimento dos argumentos céticos mais gerais de Sexto, que foi a primeira característica que notamos. Tais conflitos são o que provoca tentativas de formular critérios de conhecimento, verdade ou justificação. O cético deve ter argumentos que bloqueiem tentativas de resolver conflitos em juízos por meio de alçar o debate ao plano

⁷⁶ *Against the Mathematicians* 7. 443. Sexto aponta que um fato aparente usado como uma base para um argumento contra a existência do critério não é ele mesmo tratado como critério. Mais, “Quando estabelecemos, de acordo com isso, os argumentos para a não existência do critério [...] nós não acrescentamos nosso assentimento, devido ao fato de que os argumentos contrários são igualmente persuasivos [*pitinous*]”. Isso é uma clara indicação da intenção de Sexto de subordinar seus argumentos epistemológicos ao critério de oposição.

⁷⁷ Michael Frede conclui que “porque alguém falhou em entender a atitude cética clássica relativa à crença, alguém também falhou em entender a natureza peculiar e o estatuto dos argumentos do ceticismo clássico, alguém leu e os tem lido como se eles representassem a visão cética do problema da possibilidade do conhecimento. De fato, sua função principal é apresentar ao dogmático o problema com o qual ele, o dogmático, se depara, dado o quadro dogmático de noções e hipóteses” (*History*, 278). Isso parece correto. Mas penso que minha consideração dos argumentos céticos, que os traz para dentro do escopo da *isosthenia* e então livra o cético de toda necessidade de assentir a suas conclusões, dá suporte mais forte à conclusão de Frede do que sua própria consideração em termos de assentimento “cético” aos princípios céticos.

epistemológico⁷⁸. Seu mistério do método da oposição será incompleto e finalmente ineficaz se ele não puder empregá-lo no contexto da disputa epistemológica tão prontamente quanto em qualquer outro. Para todas as disputas levantará questões epistemológicas mais cedo ou mais tarde.

Aqui vemos um contraste adicional com as apresentações contemporâneas do ceticismo. O pirrônico não oferece argumentos céticos como problemas teóricos independentes ou teses. Ele os estende reativamente. O problema do critério surge porque há reais conflitos de opinião. Isso se torna tão interessante porque esses conflitos movem os dogmáticos a formular teorias, tais como a teoria da verdade. Isso atende à terceira característica que notamos na apresentação de Sexto dos Modos: a forma pela qual o pirrônico usa seus argumentos para o ceticismo teórico explica por que ele tem mais interesse em alguns argumentos do que em outros.

Naturalmente, entretanto, ele não deseja basear nenhum de seus argumentos em compromissos dogmáticos próprios, assim ele constrói suas oposições epistemológicas usando material que os próprios dogmáticos providenciam. Essa foi a segunda característica dos Modos que eu levei em consideração. Dependendo de quais ideias epistemológicas ele está levando em conta, o cético se sentirá livre para colocar esse material em diferentes usos: por exemplo, às vezes para sustentar argumentos pela indecidibilidade e às vezes para sustentar argumentos pela relatividade. O objetivo não é estabelecer conclusões epistemológicas, mas evitá-las. A aparente tensão entre as estratégias céticas de Sexto, nossa quarta característica, não é problema.

Para resumir, e mostrar como a sua colocação para um uso tão especial é compatível com a importância central e o significado geral dos Modos, pode-se observar que desde que todas as disputas podem e eventualmente quase certamente serão levantadas ao plano epistemológico, todas as disputas convergem para os Modos assim como todos os caminhos levam a Roma. Dessa maneira, os argumentos epistemológicos do cético pirrônico são *essenciais* sem serem *básicos*. O estado dos Modos não é diminuído pelo fato de o ceticismo teórico não sustentar a *epokhé*, mas cai dentro de seu escopo.

Penso que estender o método da oposição às questões epistemológicas, ao invés de apelar às considerações epistemológicas para subscrever o método, foi sempre muito claramente a intenção de Sexto. Na passagem já citada, onde ele explica que o cético lida com física somente no sentido de opor uma afirmação dogmática da teoria física a outra, contrária,

⁷⁸ Ele poderia até achar isso taticamente útil para ele mesmo alçar a disputa àquele plano, se alguma vez ele estiver temporariamente em uma perda para um contrário eficaz de primeira ordem.

afirmação dogmática, ele observa que essa é “a maneira pela qual aproximamos os ramos lógico e ético da assim chamada ‘filosofia’”⁷⁹. Uma vez que o ramo “lógico” da filosofia inclui – na verdade, até onde o relato de Sexto sobre isso vai, é amplamente entregue a – o que chamaríamos de epistemologia, isso deve alertar o leitor para o uso que ele vai encontrar para os Modos. Entrando em detalhes, temos sido capazes de deixar claro que essa observação de passagem é para ser levada a sério e que os Modos podem ocupar um lugar central na maneira cética de fazer as coisas, mesmo se eles não forem sua fundamentação teórica.

Então o que devemos dizer sobre o ponto de que alguns argumentos céticos são autodestrutivos? A importância disso, penso, é que isso serve como a última linha de defesa contra tentativas de conduzir o cético ao compromisso teórico. Mesmo se os argumentos céticos oprimem as epistemologias dogmáticas, eles acabam se neutralizando. Nem mesmo o poder de seus argumentos céticos pode forçar o cético a compromissos dogmáticos. Se tudo o mais falha, esses argumentos criam suas próprias oposições.

Antes de deixar o assunto dos Modos, quero dizer uma palavra final sobre as razões de Myles Burnyeat para pensar que o ceticismo ao final não equivale a “uma vida possível para o homem”⁸⁰. Burnyeat se vê como recuperando Hume. De fato, entretanto, sua objeção é bem diferente da de Hume. Hume alega que a completa suspensão de juízo é impossível na vida cotidiana e nós já vimos como o pirrônico responde a isso. Burnyeat alega que o cético não pode evitar as convicções epistemológicas. Em particular, ele não pode se recusar a identificar-se com seu assentimento às suas conclusões filosóficas, tais como a de que a toda afirmação dogmática corresponde uma contra-afirmação igualmente digna de assentimento. Ele não pode recusar-se a reconhecer que tem mostrado que elas são simplesmente verdadeiras. Se ele tenta,

Ele está como se fosse separar-se da pessoa (nomeadamente ele mesmo) que foi convencida pelo argumento, e ele está tratando seu próprio pensamento como se fosse o pensamento de outra pessoa, alguém pensando pensamentos dentro dele⁸¹.

Isso não é uma atitude que alguém possa sustentar.

Essa acusação não vai ficar. Em minha consideração do assentimento cético, eu argumentei que é importante distinguir o contexto da ação do contexto da reflexão, e eu aleguei que neste último contexto o cético absolutamente não alcança conclusões: o escopo do

⁷⁹ *Outlines of Pyrrhonism* 1. 18.

⁸⁰ *Skeptical Tradition* 114.

⁸¹ *Skeptical Tradition* 140.

método da oposição, daí *epokhé*, é bastante irrestrito. Minha consideração dos Modos mostra que o fato de Sexto parecer defender pontos epistemológicos não é exceção a isso. Conseqüentemente, uma vez que Sexto não alcança o tipo de conclusões que Burnyeat pensa, ele não tem tais conclusões nem para identificar nem para falhar em identificar. No contexto da ação, o assentimento não é questão de raciocínio: a vida cotidiana não é separada, meramente irrefletida. Então, de qualquer forma, não há questão da tentativa cética de uma impossível separação das conclusões de seus próprios argumentos, conseqüentemente não há razão para pensar que o ceticismo não é uma possível aproximação à vida.

VI

Nós começamos por considerar a sugestão de que o ceticismo clássico difere do moderno e do contemporâneo principalmente em sua orientação prática. O pensamento foi o de que transpor os argumentos céticos ao contexto da pura investigação filosófica permite empurrá-los ao limite, com o resultado de que uma forma mais radical de ceticismo emerge.

Vimos o suficiente para perceber que as diferenças entre o pirronismo e o moderno, pós-cartesiano, ceticismo vai além disso. Realmente, se eu estiver certo em ver uma distinção em Sexto entre o contexto da ação e o contexto da reflexão, uma distinção que argumentei ser essencial para sua consideração do escopo da *epokhé*, então Sexto tem uma suspeita da ideia de pura investigação filosófica. Ainda assim, ele não apresenta uma forma de ceticismo centralizada no problema do nosso conhecimento do mundo exterior. Para entender por que não, portanto, precisamos olhar além da orientação prática do pirronismo.

Que modificações ao ceticismo pirrônico clássico produzirão o ceticismo assim como nós o entendemos? Mas obviamente, os argumentos epistemológicos céticos devem ser separados do método da oposição e fazer a base dos problemas teóricos independentes. Entretanto, isso não vai por si mesmo produzir o ceticismo tal como o conhecemos. A bateria padrão de problemas céticos – mundo exterior, outras mentes, o passado, indução, a existência de inobserváveis – ainda será lacunar, ou na melhor das hipóteses mal notada ao passar. Tem sido frequentemente notado que o problema cético moderno prototípico, que concerne ao nosso conhecimento do mundo exterior, nunca foi posto pelos antigos. Mas, como eu disse no início, o ceticismo antigo deixa mais do que um problema particular: a própria ideia do ceticismo como sendo organizado em torno de problemas específicos é ausente. Por quê?

A verdadeira razão pela qual não podemos responder essa questão alegando que nossa aproximação mais teórica do ceticismo nos permite empurrar as mesmas considerações para

mais longe é a de que as considerações que levam ao problema do nosso conhecimento do mundo exterior não são do tipo que concerne a Sexto. Pondo de lado seu desenvolvimento reativo e subordinação ao método da oposição, os argumentos epistemológicos de Sexto são puramente formais e completamente gerais. Seus problemas epistemológicos fundamentais, como vimos, são aqueles do critério e do regresso da justificação. Poderíamos mesmo dizer: só o regresso; pois podemos pensar no problema do critério como o problema do regresso aplicado a princípios epistemológicos.

Por contraste, os problemas céticos modernos nos desafiam a justificar certas inferências específicas: mostrar como crenças pertencentes a alguma classe problemática, dizer crenças que implicam a existência de objetos “externos”, pode ser justificado com base nas crenças pertencentes a alguma classe (relativamente) privilegiada, dizer crenças sobre o conteúdo da “experiência”, presumiu constituir a evidência última para eles. Dependendo de como estabelecemos nossas classes privilegiadas e problemáticas, diferentes problemas céticos entrarão em exibição. Essa mudança de atenção, dos problemas pirrônicos formais para os vários interesses fundacionais, produz uma reestruturação radical do ceticismo, que se torna diferenciada e problematicamente centralizada.

Se nada mais, o ceticismo de Sexto sobre a epistemologia o impediria de fazer desses problemas céticos diferenciados o foco de seus interesses epistemológicos. Para tais problemas, surge somente a suposição de que os problemas clássicos céticos do critério e do regresso podem ser satisfeitos através da identificação de alguma segura, se restrita, base para o conhecimento. Os problemas clássicos devem vir a ser vistos como dispositivos para fixar as fundações do conhecimento. Uma vez fixadas, os problemas céticos nos desafiam a mostrar sua adequação. Mas Sexto nunca concede que qualquer base segura possa ser identificada, então ele não tem nenhuma razão particular para perguntar se tal base poderia funcionar como se pretende.

Assim, ao passo que o ceticismo pirrônico repousa sobre uma capacidade, uma capacidade que talvez explore um certo ambiente intelectual no qual a controvérsia é a ordem do dia, o ceticismo moderno e contemporâneo toma por certa uma imagem definida de conhecimento. Essa é a imagem fundacionalista, de acordo com a qual nossas crenças recaem sobre tipos epistêmicos naturais, refletindo relações naturais de prioridade epistemológica. Nessa visão, uma crença tem um estatuto intrínseco e objetivo: se ela tem necessidade de justificação ou não, e como a justificação deve proceder legitimamente, depende do conteúdo da crença apenas e não de como ela é embutida em alguma situação-problema particular ou

contexto de investigação. Isso é crucial: fundacionalismo não é só a visão de que nossas crenças podem ser repartidas em classes amplas, organizadas em uma hierarquia epistêmica, mas que a hierarquia corresponde à estrutura objetiva da justificação empírica. Eu chamo essa doutrina, da qual nossa moderna, problematicamente centralizada, forma de ceticismo depende, de “realismo epistemológico”. Tirar essa ideia de uma natural ou objetiva hierarquia epistemológica e o fato de que as crenças sobre o mundo exterior não podem ser facilmente inferidas das crenças sobre a experiência nada fará para mostrar que tais crenças são em si mesmas problemáticas. Sem fundacionalismo, e o realismo epistemológico implica isso, não há intrinsecamente classes privilegiadas e problemáticas, coisas só são consideradas problemáticas em contextos específicos e por razões definidas.

Entretanto, a falha de Sexto ao pôr o problema do nosso conhecimento do mundo exterior não está totalmente certificada por sua ignorância dos problemas fundacionais e concentração nos argumentos céticos completamente gerais, formais. Esse problema tem a ver, não apenas com nosso conhecimento da natureza das coisas, que sempre foi o principal interesse de Sexto, mas com por que supomos que há quaisquer coisas externas, de qualquer natureza que seja. O que está no caminho do questionamento de Sexto a esse assunto é que, como todos antes de Descartes, ele pensa na percepção sensorial como um processo que envolve essencialmente o organismo vivo (*to zoon*). Isso não é porque ele tem algumas ideias teóricas claramente formuladas. Antes, simplesmente nunca ocorreu a ele ou a seus oponentes analisar a percepção em componente físico e puramente “mental”. Assim, ele não tem nenhuma suspeita do sentido relevante de “exterior”. *Ektos* significa “exterior” no sentido de “no ambiente”, não no sentido de “fora da mente”. O mundo “exterior” é uma invenção de Descartes e é ligado à sua maneira radicalmente nova de desenhar a linha entre “mente” e “corpo”⁸². O problema cético relacionado ao nosso conhecimento do mundo exterior é resultado da interação de sua imagem metafísica com uma visão fundacionalista do conhecimento, conhecimento de nossos estados “mentais” tornando-se epistemologicamente básico e conhecimento do mundo “exterior” intrinsecamente inferencial. Isso é assim o resultado do cruzamento de uma teoria epistemológica e uma inovação metafísica, nenhum dos que devemos esperar de Sexto⁸³. O pirrônico contraria o que quer que o dogmático tenha a dizer. Tendo neutralizado isso, ele fica satisfeito.

⁸² Myles Burnyeat (*Idealism*, 35) nota que a mudança crucial e inovadora de Descartes é tratar seu próprio corpo como “exterior”.

⁸³ Para uma discussão mais detalhada da relação de Descartes com o ceticismo antigo, ver o meu “Descartes and the Metaphysics of Doubt”, em A. Rorty (org.), *Essays on Descartes’ ‘Meditations’* (Berkeley: University of California Press, 1986).

Alcançar o problema do nosso conhecimento do mundo exterior não é, portanto, uma questão de tomar as considerações que interessaram a Sexto e levá-las adiante. Mais que isso, uma parte da razão pela qual Sexto nunca se torna envolvido com problemas como esse é que ele é muito mais cético sobre certas ideias epistemológicas. Então não há resposta simples à questão: Qual é o mais radical, o ceticismo antigo ou o moderno? Eles são estritamente incomensuráveis. Mas se eu tivesse de escolher, eu escolheria o pirronismo porque, em vez de repousar em compromissos epistemológicos, ele estende a *epokhé* à própria epistemologia.

VII

Se a prática cética pirrônica não é sustentada por considerações teóricas, o que a sustenta? Uma vez que o pirronismo repousa em uma capacidade mais do que em uma doutrina, a resposta deve ser: quaisquer condições tornam possível dominar o método pirrônico e viver em conformidade com sua regra. Mas isso pode nos fazer perguntar se o pirronismo, mesmo se coerente, está sempre *disponível*. Poderia o ambiente intelectual tornar-se hostil ao pirronismo?

O método da oposição pressupõe a disponibilidade de um amplo estoque de argumentos conflitantes e teses que atacarão o investigador inteligente, bem informado, apaidário, como mais ou menos igualmente plausíveis. O mundo intelectual do final da Antiguidade, uma cena de escolas concorrentes, nenhuma desfrutando de vantagens decisivas sobre suas rivais, foi assim um ambiente ideal para o pirrônico. O mesmo pode ser dito do Renascimento, o que conta em parte para o sucesso de Montaigne e outros em reviver o pirronismo.

O ceticismo pirrônico levanta a possibilidade da vida sem filosofia: de levar a vida prescindindo de explicações de larga escala, justificações ou princípios orientadores. Há portanto alguma habitável, apesar de não teoricamente fundamentada, distinção entre questões de vida e morte e questões de mero interesse teórico. Me parece, então, que a aplicabilidade do método pirrônico e a praticabilidade de sua abordagem geral da vida ficam firmes ou caem juntas. Para a extensão que as questões teóricas deixam isolada das questões de vida e morte, não estaremos sob nenhuma compulsão real de adotar um sistema teórico em detrimento de outro. Se podemos viver sob a “regra” do pirrônico, é provável que possamos empregar seu método, e vice-versa.

O ceticismo pirrônico, então, negocia com aqueles aspectos da aprendizagem antiga que Bacon acha censuráveis: que era controverso e inútil, “frutífero de controvérsias, mas

estéril de trabalhos”⁸⁴. Entretanto, ao contrário de Descartes, para quem a função do ceticismo era tornar a mente receptiva a novas ideias metafísicas, Bacon esperava que a *epokhé* provisória que ele tanto favoreceu fosse superada pela laboriosa construção de uma “ciência ativa” que comandaria o assentimento por meio da demonstração de seu poder⁸⁵.

O aparecimento de tal ciência significa que o pirronismo cessa de estar disponível como uma perspectiva filosófica? Certamente o desenvolvimento da ciência moderna muda o ambiente dialético. Para Sexto pode ter havido pouco a escolher entre as teorias físicas de Aristóteles e aquelas de Demócrito. Mas nos meados do século XVII, ninguém que entendesse de filosofia natural poderia ter encontrado pouco a escolher entre Descartes e Newton. A *epokhé* pirrônica cessou de ser uma opção de vida para grandes e significativas áreas de investigação. O que acontece com a distinção pirrônica entre interesses teóricos e assuntos de vida e morte uma vez que a vida se torna profundamente penetrada pela teoria, o que é que acontece quando a ciência começa a moldar a tecnologia e a tecnologia a transformar as condições de vida?

A resposta é que os limites do assentimento cético mudam, isso é tudo. Ver isso como uma objeção ao pirronismo é continuar a supor que o pirrônico deve pretender basear sua prática em alguma distinção epistemológica *a priori* entre experiência e observação ou observação e teoria. Mas isso é exatamente o que ele tenta evitar. Os limites do assentimento cético não constroem a prática cética, eles surgem de fora dela. Assim eles mudam conforme a prática responde às novas condições. Então, ao assinalar isso, com o surgimento da ciência moderna, um pirrônico já não pode simplesmente imitar Sexto, nós não estamos nivelando tanto uma objeção ao pirronismo, como trazendo, uma vez mais, o caráter contextual, anti-sistemático e não doutrinal do pirronismo. Além disso, ainda há muito escopo para a prática da *epokhé*: na política, por exemplo, ou na filosofia.

Como um cético pirrônico responderá a nossa ciência baconiana ativa? Ele a aceitará por seus resultados, mas se recusará a tratá-la como a herdeira da metafísica. Ele não terá inclinação a cair em filosofias “científicas”, tais como as várias formas atualmente populares de realismo⁸⁶. Ele pode notar o surgimento de “duas culturas”, uma cultura científica que

⁸⁴ Francis Bacon, Prefácio a *The Great Instauration in Works*, ed. J. Speeding, R. L. Ellis e D. D. Heath (Londres: Longmans, 1875), vol. 4, p. 14.

⁸⁵ Ver, por exemplo, *Novum Organum* 1, cxxiv em Bacon, op. cit. Bacon discute sua relação com o ceticismo em 1, cxxvi.

⁸⁶ O debate entre realismo e instrumentalismo é certamente um forte candidato à *epokhé*. Para um argumento no sentido de que realistas e instrumentalistas podem argumentar efetivamente um contra o outro, ver Arthur Fine, “Unnatural Attitudes: Realist and Instrumentalist Attachments to Science”, *Mind*, 1986.

envolve uma larga medida de consensos e uma cultura literária ou política que exhibe controvérsias incessantes; mas ele não sentirá necessidade de postular uma diferença epistemológica profunda entre as ciências e as humanidades. Ele se contentará em notar, “como um cronista”, então em falar, que assim é como as coisas aconteceram, pelo menos por agora. Essa é certamente uma atitude coerente. O pirronismo pode ter evoluído; ele não está morto.